Novo Tiradentes
uma história

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rui Getúlio Soares
Reitor

Eliane Lucia Colussi
Vice-Reitora de Graduação

Hugo Tourinho Filho
Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Cléa Bernadéte Silveira Netto Nunes
Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Nelson Germano Beck
Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora
Simone M. S. Basso
Editor

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Augusto Nienow
Ana Carolina B. de Marchi
Andrea Poleto Oltramari
Angelo Vitório Cenci
Bruno Carlini Junior
Cláudio Almir Dalbosco
Cleiton Chiamonti Bona
Edson Machado Cechin
Graciela René Ormezzano
Ipojucan Demétrius Vecchi
Zacarias M. Chamberlain Pravia

Nilse Cortese Dalla Nora
Terezinha Genoeva Boff Pigozzo

Novo Tiradentes
uma história

2007
ou
2008

Universidade de Passo Fundo
2008

UPF Editora
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Copyright © Editora Universitária

Maria Emilse Lucatelli
Editoria de Texto

Sabino Gallon
Revisão de Emendas

Luis A. Hofmann Jr.
Design Gráfico UPF
Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva
Editoração e Composição Eletrônica

Foto representando as festas realizadas na comunidade na década de 1950.
Fotos da capa e do texto cedidas e autorizadas para publicação pela Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora.
A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, bem como as imagens, tabelas, quadros e figuras, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Catalogação na Publicação

N822n Nora, Nilse Cortese Dalla
Novo Tiradentes : uma história / Nilse Cortese Dalla Nora, Terezinha Genoeva Boff Pigozzo. – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
126 p. : il. ; 21 cm.

1. Novo Tiradentes, RS - História 2. Imigração 3. Costumes I. Título.

CDU: 981.65

Catalogação: bibliotecária Ana Paula Benetti Machado – CRB10/1641

ISBN – 978-85-7515-443-4

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
EDITORA UNIVERSITÁRIA
Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José
Fone/Fax: (54) 3316-8373
CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil
Home-page: www.upf.br/editora
E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

À Administração Municipal, pelo incentivo e apoio na realização desta obra.

Homenagem aos pioneiros

Precisamos lembrar daqueles que atravessando mil dificuldades não saíram esmagados, mas vitoriosos, deixando-nos marcas e exemplos de luta. O presente não se improvisa, ele é sempre a colheita do passado. Vamos nos espelhar neles e crescer com suas experiências, enfrentando as adversidades e vencendo os obstáculos que se apresentarem, tendo a certeza de que Deus está em nós, tornando tudo possível e realizável.

Carmem Seib

Sumário

Prefácio 9

Apresentação 13

Introdução 15

1 Caracterização sócio-histórica e cultural.. 17

1.1 Ocupação e povoamento..... 17
1.2 Delimitação e formação da vila..... 19
1.3 Caracterização religiosa 25
1.4 Caracterização educacional 29
1.5 Caracterização cultural - modo de vida 31
1.6 Caracterização histórico-política..... 50

2 Processo emancipatório..... 53

3 Histórico das comunidades 65

3.I Linha Barro Preto..... 65
3.2 Linha Pilão de Pedra 71
3.3 Linha São João Vianey..... 73
3.4 Linha São Paulo 76
3.5 Linha Rincão das Flores..... 79
3.6 Linha Sanga Feia 81
3.7 Linha São José..... 84
3.8 Linha Santo Antônio 87
3.9 Linha Aparecida..... 89

4 Identificação - Novo Tiradentes na atualidade.....93
Famílias que hoje residem no Município de Novo Tiradentes 108
Considerações finais.....110
Anexos..... 113
Bibliografia..... 124
Pessoas entrevistadas 126

Prefácio

> Nunca diga às pessoas como fazer as coisas. Diga-lhes apenas o que quer que elas façam e ficará surpreso com sua engenhosidade.
>
> George S. Patton

Desvanecido com a honra do convite para prefaciar *Novo Tiradentes: uma história*, obra das ilustres professoras Nilse Cortese Dalla Nora e Terezinha Genoeva Boff Pigozzo, entreguei-me à leitura e ao exame atento com o olhar de leitor, resultando na constatação da coragem dos primeiros desbravadores do município, quando aqui chegaram os primeiros moradores.

Dispensável registrar não se tratar de iniciantes nas lidas voltadas à educação, à contribuição em prol do bem comum, todas conotadas pelos frutos de suas vivências na área do magistério. Estudiosas nas questões históricas, trazem mais uma contribuição importante, preenchendo lacuna na biblioteca de quantos se dedicam à leitura, em especial na órbita do município.

Sobressai-se no seu todo como um referencial bibliográfico, principalmente para nossos professores da rede municipal, para a disseminação e as recomendações da leitura deste resgate histórico aos seus alunos. Constitui a obra repositória de enorme valia a alunos das redes mu-

nicipal e estadual e às pessoas que desejam conhecer os primeiros pioneiros que aqui vieram com suas famílias, em busca de progresso e do sustento de seus filhos. Com suas pujanças, demarcaram a área urbana, destinando um terreno específicos para construção de escola, praça municipal, igrejas e do cemitério.

O objetivo desta obra é resgatar a história das famílias que residem em nosso município e que aqui chegaram há várias décadas, trazendo consigo quase nenhum material, mas grande capital humano e intelectual, composto de valores como esperança, persistência, honestidade, disciplina, fé e vontade de crescer. Nossa terra cresceu, desenvolveu-se e hoje é um município promissor, voltado ao desenvolvimento econômico e social de nossa população.

O forte espírito empreendedor de nossa gente sempre foi voltado e relacionado ao trabalho coletivo e ao associativismo, características marcantes da nossa população originária de todas as etnias. O nosso povo é parte integrante e inseparável da história de civilização e incremento deste município. Esse enredo está no envolvimento dos colonizadores pioneiros, que dispunham de energia e forte determinação de continuarmos abrindo caminhos e buscando subsídios para que nossa região continue na vanguarda do desenvolvimento e que a qualidade de vida desta terra seja cada vez melhor.

O livro traz informações valiosas sobre os primeiros pioneiros, resgatando, assim, a história dos imigrantes italianos, vindos especialmente da região da Grande Sarandi, juntamente com outros grupos de etnias, como os alemães, mestiços e negros, que iniciaram neste local, de mata virgem, a formação e povoação desta localidade.

A origem do município no decorrer do tempo foi aumentando e trazendo para a localidade a importância da criação de uma vila denominada Tiradentes, na época pertencente ao município de Palmeira das Missões. Com a emancipação de Rodeio Bonito, em 1963, a Vila Tiradentes tornou-se o primeiro distrito deste município. Em 1991, a comissão encarregada de tratar do processo emancipatório, com o objetivo na busca do progresso e desenvolvimento deste território, iniciou luta pela emancipação. Com o apoio unânime da comunidade, transformou o distrito de Tiradentes, através da lei estadual nº 9.628, de 20 de março de 1992, no município de Novo Tiradentes.

O município de Novo Tiradentes pertence à genealogia de Cruz Alta, da qual 219 municípios fazem parte. Somos filhos de Rodeio Bonito, netos de Palmeira das Missões e tendo como bisavó a querida cidade de Cruz Alta, que nasceu no dia 11 de março de 1833, a qual queremos destacar com esta nobre distinção.

E esse é, certamente, o desejo de todos e a recompensa adequada às autoras, em troca de seu desprendimento e de sua dedicação ao subtrair horas de merecido descanso para empregá-las no resgate histórico do município, e também, em especial, às pessoas que contribuíram com suas experiências de vida na elaboração deste livro. A obra deverá transformar-se em indispensável manual de estudo e consultas diárias, não podendo faltar no acervo nos gabinetes municipais do Executivo, Legislativo, bibliotecas das escolas municipais e estaduais.

O presente livro vem enriquecer com informações a nossa história. Não foge da análise crítica, mas edifica-a com paciência beneditina. É fruto de pesquisa farta e séria e marcado pela sua originalidade e indiscutível valor. Com

certeza, nesta edição desenrola-se o enredo dos que construíram e constroem a história deste município, na busca da auto-estima e valorização de nosso povo.

O objetivo, com certeza, foi atingido.

Adenilson Della Paschoa
Secretário Municipal Administração

Apresentação

Novo Tiradentes é, hoje, fruto da coragem e do trabalho dos desbravadores, que abriram a facão, machado e foice a mata virgem e iniciaram a povoação desta terra. Muitos foram os desafios que enfrentaram, mas, mesmo sem recursos, sem comunicação e sem estradas, construíram seus ranchos de pau-a-pique, depois casas de madeira bruta, as quais serviam de moradia para suas famílias.

Com certeza, não foi fácil a vida desses pioneiros nos primeiros tempos nestas terras, onde só havia mata e animais silvestres. Todavia, com muita fé e muita garra, transformaram um pequeno lugarejo, em uma vila chamada Tiradentes, distrito de Palmeira das Missões. Em l963, engajaram-se na luta para emancipar Rodeio Bonito, o que ocorreu, do qual Tiradentes passou a ser o primeiro distrito. Em 1991, sentindo a necessidade de tornar-se independente, surgiu o movimento emancipacionista, que se concretizou com a criação do município de Novo Tiradentes em l992, hoje município dotado de progresso, e em franco desenvolvimento.

Nas páginas que se seguem são caracterizados e retratados o modo de vida, os costumes, as crenças e as realizações dos primeiros moradores de nosso município, com o objetivo de deixar às gerações futuras um resgate das raízes históricas de nossos antepassados, povo corajo-

so e trabalhador, por cuja bravura merece ser chamado de herói. A concretização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e incentivo da administração municipal, na pessoa do prefeito Gilberto Mori, do vice-prefeito Irineu Fernandes, bem como de seus auxiliares administrativos, e à valiosa contribuição das pessoas entrevistadas das linhas e cidade, que nos forneceram dados fidedignos e testemunhos verdadeiros.

Como filha deste pedaço de chão, descendente de uma das famílias pioneiras da história deste município, sentime honrada em realizar em conjunto com Nilse Cortese Dalla Nora este trabalho. Participaram da reconstrução histórica e ajudaram na construção deste livro as pessoas mais idosas ou os descendentes daqueles que já faleceram e que aqui chegaram por volta dos idos de l940, se enraizaram e criaram seus filhos. Enquanto rascunhava o trabalho transcrevendo as anotações realizadas, reportava-me às lembranças de tudo o que meus pais contavam, refazendo o percurso daqueles que, mesmo vivendo com inúmeras dificuldades, não esmoreceram e com muita fé e espírito comunitário uniram-se na busca de seus ideais e prepararam o terreno para que viéssemos posteriormente. Trazer para a escrita os relatos orais, dando voz às lembranças esquecidas, mas que estavam armazenadas na memória, é um desafio emocionante, pois torna vivas as experiências silenciadas nos documentos oficiais.

As autoras

Introdução

O livro *Novo Tiradentes: uma história* trata da história dos imigrantes italianos vindos especialmente da região da Grande Sarandi, juntamente com outros grupos étnicos, alemães, mestiços e caboclos, alguns já residentes aqui, para iniciar neste chão, então pura mata virgem, a formação e povoação desta pequena localidade, hoje um próspero município.

No espaço ocupado, as terras existentes eram devolutas, pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul. Muitas pessoas migraram para essas terras e não dispunham do título de propriedade. Ocupavam-nas pelo direito de posse. A maioria requereu o título de propriedade; outros apenas receberam a legitimação a partir de 1951, com o governo de Ernesto Dornelles, que criou a lei nº 1 542, a qual dava condições de legitimação para aqueles que moravam há dez anos consecutivos na terra e poderiam, então, requerer o título de propriedade da mesma.

Registramos então as dificuldades e os desafios enfrentados pelos primeiros habitantes que participaram dos acontecimentos iniciais da formação e povoação deste município, a origem da nomenclatura de cada localidade que forma o município e sua evolução histórica. Os registros das entrevistas e os depoimentos são muito valiosos por envolverem as pessoas mais antigas, testemunhas ocula-

res, alguns pioneiros da história do município, filhos dos desbravadores desta terra. Também fizemos uso das fontes documentais existentes.

O objetivo desta obra é levar ao conhecimento dos filhos e netos dos pioneiros, bem como às gerações futuras a história da vida e dos feitos de homens e mulheres que se aventuraram e trouxeram para esse povoado a semente do desenvolvimento e do progresso. Esses foram responsáveis, juntamente com as autoridades competentes da época, pela criação do distrito de Palmeira das Missões, depois o 1º distrito de Rodeio Bonito, a seguir transformado num grande município. Que esta obra perpetue a memória daqueles que já partiram e que devem ser lembrados.

1 Caracterização sócio-histórica e cultural

1.1 Ocupação e povoamento

O início do povoamento do espaço onde se localiza o município deu-se a partir da década de 1940 com a chegada dos imigrantes italianos provenientes da região da Grande Sarandi, que vieram com suas famílias em busca de melhores condições de vida. Ao chegarem ao local, encontraram alguns caboclos, que ali residiam desde l920, como é o caso de Fabrício Galeano Bueno, Alfredo Poncio, Garvão Poncio de Oliveira, Eleutério Souto e outro conhecido como Orácio Porongo. Durante várias décadas, não havia uma legislação específica sobre o acesso à propriedade da terra, razão pela qual até meados do século XX, principalmente no interior, intensificaram-se as posses.

José Bortolini e Leopoldo Tasca compraram de Fabrício Galeano Bueno lotes de terra, na época tomados por matas e capoeirões, e iniciaram ali um povoado. Por volta de l940 vieram as famílias de Júlio Vicari, Antonio Penna, Vitório Mariussi, Ângelo Silvestri, Ângelo Pin, Candilho Marques, Reinaldo Grespan, Gildo Possamai, Vitório Cavalli, Hercules Fumagalli, Pedro Mariussi, Germano Anselmo Poletti, Domingos Boff e as famílias Scaravonatto e Piassa, José Fumagalli, Guilherme e Valdemar Rinaldi.

Do final da década de 1940 em diante, foram se instalando outros moradores, oriundos das localidades de Rondinha, Guaporé, Carazinho, Lajeado e Soledade, os quais contribuíram para a formação da vila de Tiradentes e do município como um todo.[1]

Os primitivos habitantes da terra, os caboclos, ocuparam as terras ainda cobertas de mato. Eles não dispunham da mesma mentalidade capitalista dos descendentes de imigrantes, especialmente dos italianos, que estavam alicerçados nos princípios ligados à terra e ao trabalho, e, somados aos primeiros habitantes, foram considerados os agentes do progresso e do desenvolvimento local.

---

[1] Entre outros podemos citar as famílias Toazza, Reolon, Medeiros, Pertuzzati, Granella, Pinto, Rotolli, Belaver, Molinari, Valiati, Sacomori, Poncio de Oliveira, da Rosa, Pereira, Della Paschoa, Pin, Pain, Marcolan, Iohan, Dalmolin, Fontana, Amaral, Silva, Batista, Bastiani, Vargas, Teixeira, Chaves, Policeno, Pena, Peruzzo, Mori, Sechi, Fiori, Tomazzi, Sotilli, Lavratti, Alexandre, Citolin, Zacaron, Michel, Rodrigues, Belizário, Pozzobon, Simões, Terra, Borges, Battisti, Calistro, Zanquetta, Goulart, Capeletti, Figueiró, Paloschi, Benedetti, Engler, Bassani, Ré, Valduga, Gheno, Canoff, Boava, Prestes, Santa Catarina, Bairros, Ribeiro, Lopes, Biazus, Padilha, Moura, Melo, Outeiro, Reis, Rodrigues, Furquim, Benachio, Belini, Almeida, Rebelatto, Bueno, Silveira, Censi, Hebert, Cavasin, Grossi, Glória, Krumenauer, Longui, Tasquetto, Milani, Marafon e Colpani.

1.2 Delimitação e formação da vila



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto de Leopoldo Tasca.

Figura 1 – Pioneiros e agrimensores - 1945

No dia 21 de abril do ano de l945, José Bortolini, com seus filhos e empregados, um agrimensor e Leopoldo Tasca, fez a medição e demarcação dos lotes, traçou as ruas centrais e os terrenos. Foram destinados três terrenos para a escola, dois para a igreja, dois para o cemitério e, mais tarde, um para a construção da subprefeitura. Por ser o dia 21 de abril feriado comemorativo de um fato histórico muito importante, decidiram denominar a localidade de Tiradentes,[2] hoje Novo Tiradentes.

[2] José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu no ano de 1746, no Arraial de Santa Rita do Rio Abaixo, hoje cidade de Tiradentes, em Minas Gerais. Aos 11 anos de idade ficou órfão e foi morar com um tio. Embora não tenha estudado regularmente, aprendeu a profissão de dentista. Trabalhou também como mascate e minerador. Aos 35 anos, alistou-se nas tropas da capitania de Minas Gerais, onde permaneceu por seis anos e chegou ao posto de alferes. Tiradentes ficou conhecido por participar da Conjuração Mineira ao lado de pessoas importantes da cidade de Vila Rica. Fracassado o movimento, os participantes foram presos e condenados à morte, mas apenas Tiradentes foi executado. No dia 21 de abril de 1792, foi enforcado na cidade do Rio de Janeiro e esquartejado em praça pública. APOLINÁRIO, Maria Raquel. *História*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 53.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto de Leopoldo Tasca.

Figura 2 – Foto da antiga vila de Tiradentes - 1960

José Bortolini, juntamente com sua família, construiu uma barragem, onde instalou um moinho e um gerador de energia elétrica. Assim, os moradores do povoado tinham luz elétrica em suas residências das 18 às 22 horas.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 3 – Vista externa do Moinho Bortolini



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 4 – Vista interna - pedra de moagem do Moinho Bortolini



Fonte: Foto cedida por Realdo Vitor Bortolini.

Figura 5 – José Bortolini e sua esposa Tereza Bortolato Bortolini - 1917

Outros moradores iniciaram suas atividades comerciais e/ou industriais visando ao desenvolvimento da vila. Assim, Ângelo Silvestri abriu a primeira casa de comércio, para compra e venda de produtos; Hermínio Toazza, em seguida, montou outra casa comercial; Reinaldo Grespan estabeleceu-se com bar e pensão, posteriormente serraria e moinho; Abrelino da Rosa montou uma ferraria, que hoje pertence à família Marcolan; Domingos Boff abriu uma selaria e sapataria para fabricar calçados e apetrechos para encilhar os cavalos; Arlindo Pereira fabricava doces (pés-de-moleque e mandolates) e revendia-os para as localidades próximas, e Armindo Engler servia os que gostavam do jogo de bolão e administrava um salão de bailes.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 6 – Residência da família Confortin, a qual também servia como estabelecimento público e comercial

Alguns anos mais tarde, Arnaldo e Amélio Sechi instalaram uma serraria para beneficiar madeira destinada à construção de casas e galpões, facilitando a construção e melhoria das moradias dos colonizadores.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 7 – Serraria de madeira movida a água, de propriedade de Idano Bortolini, atualmente pertencente a Antônio Bortolini

A vila foi aumentando, com mais famílias se instalando e colocando outros serviços à disposição das pessoas, como é o caso do hotel de Vitório Tonin, da casa comercial de Dionísio Tomazzi e da lancheria e bar de Abramo Capeletti. Como alguns moradores residiam de um lado do rio Jaboticaba e outros do outro lado, foi construída uma ponte para facilitar a travessia, que até então era feita a cavalo, a pé, ou por uma pinguela, cuja passagem constituia-se em um ato de heroísmo e bravura.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 8 – Década de 1980



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 9 – Construção da primeira ponte

Em 1958 foi formado um time de futebol, registrado em 1961 em Palmeira das Missões, pelo tabelião Nassib Nassif, que existe até hoje. Sua diretoria convocou a comunidade para a construção do Clube Esportivo e Cultural Tiradentes, onde eram realizados bailes e outras promoções festivas, e de um campo de futebol, onde os jovens se

reuniam para jogar. Ali também eram realizados os jogos do campeonato, os quais reuniam, aos domingos, grande multidão de pessoas de todas as idades, especialmente os jovens da região.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 10 – Primeiro time de futebol de Novo Tiradentes

Também havia apresentações de circos, filmes (costumeiramente chamados de "cinema"). Os primeiros filmes eram mudos, projetados nas paredes de uma casa. Realizavam-se shows (Canário e Passarinho e José Mendes), bem como aconteceu o primeiro festival do chope.

1.3 Caracterização religiosa

A religião predominante dos moradores era, e continua sendo, a católica, herança dos seus antepassados, imigrantes italianos. A fé e a devoção eram muito fortes; nas famílias rezava-se o terço todas as noites e com os moradores mais próximos quando da visita da capelinha, que

passava por todas as casas. Pedia-se, então, especialmente para ter saúde, para que fizesse bom tempo e houvesse boas colheitas, enfim, para que Deus protegesse a todos de qualquer intempérie. Nos primeiros anos, tanto os cultos como as missas eram rezados na casa dos próprios moradores. Na sede do povoado, na casa de Reinaldo Grespan, ou mesmo sob as árvores, o padre – Arlindo Puntel; depois, Fiorindo Davi Grassi, Pedro Rubin; mais tarde Pedro Portela – vinha a cavalo uma vez por ano, batizava as crianças e celebrava os casamentos. O bispo vinha de Santa Maria uma vez a cada sete ou oito anos para crismar todas as crianças da região.

As missas eram rezadas em latim e, enquanto o padre a celebrava, as pessoas rezavam o terço como forma de participação litúrgica. Para ir à igreja as mulheres vestiam-se com saia comprida e blusa de gola fechada, também de mangas compridas, e um véu sobre a cabeça; os homens usavam calça comprida e camisa de mangas longas. Para receber a comunhão era necessário que a pessoa estivesse em jejum; homens e mulheres não se sentavam na mesma ala: eles de um lado e elas do outro. Na perda de um ente querido, as famílias eram tomadas de um profundo sentimento, e guardavam luto usando vestes escuras pelo período de um ano, privando-se também de festas, músicas e danças. Durante a Semana Santa só se trabalhava até na quarta-feira; depois, tudo devia ser silêncio, nem mesmo se podia ouvir rádio e falava-se em voz baixa, entre outras exigências dos mais velhos, obedecidas por todos sem reclamações, a crença era que na sexta-feira Santa nem mesmo os passarinhos cantavam em sinal de respeito. As casas recebiam a bênção do padre uma vez por ano, oportunidade em que era feita a arrecadação anual para a paróquia.

Na década de 1950, num mutirão da comunidade, foi construída a primeira igreja, feita de madeira bruta e coberta de tabuinhas. Em razão de uma promessa feita, José Bortolini doou à pequena capela a imagem de Nossa Senhora de Lurdes, a qual se tornou a padroeira da localidade. Leopoldo Tasca fez a doação de uma imagem de São Luiz, que se tornou o patrono da comunidade. Tais imagens continuam expostas na capela atual e em sua homenagem sempre se realizam comemorações.

Nesse sentido, afirma Olívio Manfroi que "a religião da imagem e do som numa referência constante aos vilarejos italianos, como meio de integração [...]. Os sinos foram um elemento cultural importante nas colônias italianas. Os colonos não descansaram enquanto não ouviram esses sons tão familiares [...]. O som dos sinos afastava a solidão, abolia as distâncias e dava a sensação de estar realmente na própria terra".[3] Para Dilse Piccin Corteze, "seria total a força integradora da religião católica na adaptação dos imigrantes ao novo meio físico: a igreja, com seus ritos e festas, foi o fator primordial de integração para os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul".[4]

---

[3] MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*: mplicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975, p. 197.

[4] CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in América*... Passo Fundo: Ediupf, 2002. p. 132.



Fonte: Cedido pela capela São Sebastião.

Figura 11 – Sino da igreja católica da linha Barro Preto - 1965

Também sempre houve por parte da comunidade uma grande participação nas missões religiosas, quando ocorria uma renovação do sentimento religioso do povo. Nos primeiros tempos, com a dificuldade da visita do padre, os moradores eram transportados na carroceria de caminhões até Rodeio Bonito para a comemoração das festividades religiosas mais importantes. Cabe ressaltar que, nessa época, era grande também a participação das mulheres em romarias, todos pedindo graças e, também para obter chuva nos períodos de estiagem.

Desde a sua formação, a capela pertencia à paróquia de Rodeio Bonito. A partir de 1989, com a criação da paróquia Nossa Senhora das Graças de Cerro Grande, as comunidades pertencentes a este município passaram a fazer parte desta paróquia, com exceção da comunidade de São Sebastião, de Barro Preto.

Os primeiros ministros leigos da comunidade foram Hermínio Boff, em l972; Sadi Poncio, Olinda Molinari, Neri João

Cenci, Vitório Fiori, Silvia Barbieri, Iraci Três, Enio Manfio e Magda Regina Cavasin. Atualmente, Neri João Cenci há vários anos está servindo a comunidade, não só como ministro da eucaristia, mas também como catequista. Foram párocos da paróquia os padres Silvério Klassen, Frank Luis Franciscatto e, atualmente é pároco Ilario Barbieri.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto de Ademilson Della Paschoa.

Figura 12 – Foto da igreja Nossa Senhora de Lurdes - 2007

1.4 Caracterização educacional

Nos primeiros anos da colonização, isto é, nas décadas de 1950 e 1960, os alunos freqüentavam as aulas enfrentando muitas dificuldades. Por não haver transportes, alguns iam a cavalo, mas a maioria se deslocava a pé; somente na década de 1970 é que a bicicleta passou a ser usada, em pequena escala, como meio de transporte para ir à escola. As crianças que pretendiam prosseguir os estudos saíam do interior e passavam a morar nas casas da vila para estudar, e as professoras também se hospedavam em casas de famílias.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 13 – Professora e alunos da Escola Nossa Senhora Aparecida – Linha Aparecida

Em meados da década de 1940, em razão da necessidade de aperfeiçoar a educação dos filhos, a comunidade pagava Antoninho Portes para alfabetizar suas crianças. Este primeiro professor, paraplégico, mas grande conhecedor das letras, deu exemplo de amor à profissão. Nesse tempo as aulas eram ministradas num pequeno galpão, com as crianças sentadas em bancos de tábua bruta; em 1948 foi construída uma pequena igreja, onde também funcionava a escola. Mais tarde, na década de 1950, foi construída a escola, com bancos de madeira trabalhada a mão, onde também deram aulas as professoras Etelvina Marcolan, Alice, Chiquita, Maria Machado, Eliza Moreira e Olga Nestorina Tasca. O material usado para a educação era de responsabilidade dos pais. Antes do quadro-negro, lápis e caderno, as crianças escreviam numa pedra chamada "lousa", onde o que era anotado era apagado, restando apenas na memória o registro daquilo que era feito.

Na década de 1960 foi construído o primeiro bloco da nova escola, com três salas de aula, denominado Grupo Escolar de Tiradentes; após, foram construídos mais dois blocos e outras salas. Na atualidade, a escola estadual denomina-se Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim José da Silva Xavier, que também cede seu espaço físico para funcionamento do ensino médio. Há, atualmente, quatro escolas municipais: uma localizada na cidade, uma em Barro Preto, uma em São João Vianey e uma na linha Aparecida. Tanto a escola estadual como as municipais[5] estão equipadas com rede física adequada e suficiente, material didático-pedagógico e recursos humanos qualificados para atender à demanda e às necessidades do ensino no município, o qual também é responsável pelo transporte escolar, tanto para os alunos da rede municipal como da escola estadual.

1.5 Caracterização cultural - modo de vida

Grande parte dos colonizadores era de origem italiana; conseqüentemente, o idioma mais falado era o italiano, pois poucos falavam o português. As tradições e os costumes transmitidos de geração para geração foram preservados por meio de danças, canções, jogos diversos e carreiradas como forma de lazer. Assim, os moradores, principalmente os homens, reuniam-se para cantar, especialmente músicas italianas, jogar baralho e bocha, jogar mora e festejar sob a copa das árvores. Havia os bailes de ramada, onde se reuniam, dançavam, animados, primeiramente por gaita de boca, depois por gaiteiros e violeiros, iluminados por velas feitas de banha ou cera de abelha com um pavio

[5] Com o processo de nuclealização as escolas municipais passaram de 15 para quatro.

de pano, lampião ou candeeiro. As crianças divertiam-se jogando peteca feita de palha de milho e pena, de gata-cega, de roda, jogavam com bola feita de meias velhas e brincavam de esconde-esconde. As mulheres reuniam-se nas casas para tomar mate doce, chimarrão, comer pé-de-moleque, rapadura, pipoca e conversar.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 14 – Festa comunitária na atual praça Reinaldo Grespan - 1962

O lazer dos descendentes de imigrantes nas primeiras comunidades rurais era, em boa parte, fruto do seu isolamento social e de sua própria condição de vida simples no contexto de sua tradição cultural, familiar e do grupo.[6] Esses fatos são constatados na realização das festas, geralmente duas por ano. Para comemorar os santos padroeiros, era

[6] "A caça e a pesca, além de constituírem o esporte favorito dos primeiros moradores, eram complemento natural da alimentação. As espécies de animais da mata e da água eram ricas e variadas. Caçava-se em maior quantidade: nambu, surucuá, pomba, uru, macuco, jacú, jacutinga, tucano e outras aves. Animais como porco-do-mato, tatú, cutia, paca, veado, graxaim, jaguatirica, onça, anta, que existiam em abundância na região." (Rodeio Bonito, p. 21, 1987).

realizada uma arrecadação entre as famílias, que doavam, na maioria das vezes, produtos para depois serem vendidos, cujo lucro era revertido para a capela.

Para o almoço das festas os homens matavam uma rês doada por algum morador, ou comprada a preço de custo; picavam a carne e temperavam-na. Cavavam um buraco no chão, onde era colocada muita lenha para queimar; entre estacas de madeira colocavam-se os espetos, também feitos de madeira, e assava-se o churrasco. Normalmente, todos os membros das famílias participavam desses momentos de integração, para os quais as mulheres contribuíam levando pães e cucas feitos em forno de barro e doces.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto de Leopoldo Tasca.

Figura 15 – Festa na comunidade - 1950

Para a construção das primeiras moradias, as madeiras eram obtidas das árvores derrubadas com machado e serrote, que depois eram serradas e falquejadas a braço. Com essa madeira faziam-se camas e mesas, tabuinhas para o telhado das casas, bem como as canoas usadas para pescar e locomover-se nos rios. As madeiras eram, inicial-

mente, medidas a palmos (cinco palmos equivaliam a um metro); depois, com metros feitos de pau. Assim, se fazia a cubagem das toras e de outras madeiras. Com o passar do tempo veio a serraria, que facilitou a vida das pessoas, pois, além de serrar, também beneficiava as tábuas. A chegada de um novo morador sempre era bem-vinda, pois todos se ajudavam e se respeitavam; a convivência entre as famílias e os vizinhos, de modo geral, era harmoniosa.

Nas celebrações religiosas convidava-se a comunidade para ajudar as famílias nos momentos de dificuldades como doenças e falecimentos.



Fonte: Hércules Fumagalli.

Figura 16 – Mutirão na propriedade de Hércules Fumagalli - 1979.

A lei era a palavra dada, que era honrada nas compras e vendas de terras e produtos. "Letra" quase não existia, pois somente algumas pessoas sabiam ler e escrever. Havia os inspetores coloniais nomeados pelo chefe de polícia da sede – Palmeira das Missões. Eram homens valentes, enérgicos, que prendiam os ladrões e criminosos levando-os algemados até a sede do município a que pertenciam

para apresentá-los ao delegado de polícia. Era este que lhes determinava a pena, a qual, às vezes, era abrir estradas na mata a picão e machado. Tempos depois eram os próprios moradores que cuidavam das estradas, ficando, dessa forma, isentos do pagamento de impostos.

Não havia outra espécie de comunicação a não ser o rádio. O primeiro rádio receptor foi adquirido por Ermindo Bortolini, em 1950. Era uma caixa enorme que funcionava a bateria, a qual era carregada no moinho do Bortolini. O aparelho sintonizava somente algumas estações. Com o passar do tempo outras famílias foram adquirindo o único meio de receber as informações dos centros maiores do estado, do país e do mundo. Também era o rádio um dos meios de distração dos jovens, que gostavam de ouvir música sertaneja e futebol. O primeiro televisor foi adquirido por volta de 1980, por Osmar João Granella, proprietário de bar e bolão, local onde todos assistiam principalmente aos jogos de futebol e noticiários.

O hospital mais próximo era o de Palmeira das Missões. As crianças nasciam em casa, de parto normal e com a ajuda de parteiras. Aqui se faz um destaque especial a Tereza Bortolini (*in memoriam*), que era parteira e auxiliou muitas mulheres a dar à luz seus filhos. O parto era feito em casa. Não havia nenhuma forma de prevenção de doenças e os conhecimentos sobre chás e remédios caseiros com ervas medicinais eram passados de pais para filhos. Se alguém adoecia, procuravam-se benzedeiras e curandeiros, especialmente Esmeraldino, "curandor" famoso na região e a quem todos recorriam. Os doentes da comunidade também procuravam em Palmeira das Missões um curandeiro cognominado Henrique, popular "Mata-Cura". Anos mais tarde, com a construção do Hospital São José, de Rodeio Bonito, ficou mais fácil o acesso ao atendimento médico. No entanto, o que curava mesmo era a fé, pois as pessoas rezavam muito para ter saúde, já que não havia nenhum tipo

de assistência médico-hospitalar de fácil acesso. Em caso de doença grave, tinham de percorrer muitos quilômetros a cavalo ou de carroça para obter atendimento médico.

O meio de transporte na época era o cavalo, sobre o qual se colocavam dois cestos, um em cada lado, contrabalançando o peso, ou sacos feitos de pano grosso. Assim eram transportados os produtos da roça para casa e, depois, para o moinho. Também era a cavalo que as pessoas iam de uma localidade a outra, inclusive para se casar. Todos, inclusive os noivos, ganhavam um cavalo bem encilhado e, para a noiva, era feito o selim, a fim de se dirigir até a capela mais próxima, onde comparecia um padre de vez em quando. Os vendedores ambulantes transportavam seus produtos sobre dois cavalos – o da frente rebocava o de trás, que ia carregado com duas bruacas (espécie de cesto feito de couro semicurtido), onde se colocavam os produtos. Mais tarde veio a carroça puxada por junta de bois.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 17 – Junta de bois de José Bortolini - 1946

Em 1950, o primeiro veículo a chegar a essas paragens foi o caminhão de Hermínio Toazza; em seguida Ângelo Silvestri adquiriu outro. O primeiro jipe de duas portas pertenceu a Valdemar Rinaldi e um de quatro portas, a Antonio Granella. O primeiro ônibus que fazia o trajeto de Tiradentes a Palmeira pertencia a Vitório Bortolini, que o vendeu para Alcides Sacomori, e este, para Arno Valiati. A partir da década de 1960 o trajeto para Rodeio Bonito passou a ser feito com o ônibus de Valmor Schwertner.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto de Leopoldo Tasca.

Figura 18 – Veículos (jipes) existentes no povoado de Tiradentes - 1950

Todas as famílias dos agricultores lutavam pela sobrevivência. Plantavam trigo, que era trocado no comércio ou no moinho pela farinha, e feijão, que era muito cultivado por causa da fertilidade do solo. A suinocultura, nas décadas de 1970 e 1980, consistia na principal atividade do então distrito de Tiradentes; a partir da década de 1990, decaiu, acabando por se tornar apenas atividade para a subsistência.

O mutirão era um costume largamente utilizado pelos moradores locais. Sempre que houvesse um caso de doença

nas famílias, os moradores se reuniam e prestavam seus serviços em mutirão.

Os primeiros habitantes da terra eram os caboclos, que ocuparam grandes áreas e eram considerados sinônimos da pobreza, ao passo que os imigrantes representavam o progresso constituído pelo trabalho e pelo desenvolvimento. Deve-se considerar também que as terras passaram a ser objeto de comercialização pelos proprietários das grandes áreas de mata virgem, que as dividiam em pequenos lotes, seguindo o padrão de colonização oficial do estado do Rio Grande do Sul. De origem cabocla, um dos primeiros moradores no local foi Garvão Poncio de Oliveira,[7] que, ao ser entrevistado, afirmou ter nascido e se criado sempre naquele lugar. Casou-se em 1944 com Florência de Oliveira, então com 17 anos de idade. Garvão afirma que seus pais foram os primeiros moradores do lugar, quando as terras eram devolutas. Quando veio a medição, por ser o filho mais velho, pôde requerer ao Estado a legitimação de um lote de terras. Essas terras eram, por direito, de posse de João Antônio Poncio de Oliveira, seu pai. Garvão afirma: "Essa história faz parte da história das terras de Jaboticaba."

Garvão confirmou em entrevista que, "no período anterior à década de 1940, os caboclos viviam na condição de ocupantes das terras não legalizadas e trabalhavam com pequenas roças, ocupando-se quase que exclusivamente da extração de recursos florestais como a erva-mate".[8] Por constituir-se num espaço contínuo às terras de Jaboticaba, os caboclos da região cultivavam apenas lavouras de

---

[7] OLIVEIRA, Garvão Poncio de. Nascido no dia 9 de agosto de 1920 neste mesmo local. Entrevistado por Nilse Cortese Dalla Nora no dia 8 de maio de 2007 na sua residência, no município de Novo Tiradentes.

[8] NORA, Nilse Cortese Dalla. *Quem chega, quem sai*. A política de distribuição de terras no Rio Grande do Sul – o caso de Jaboticaba. Passo Fundo: Ediupf, 2006. p. 115.

subsistência nas terras, que eram trabalhadas com foice, enxada e saraquá;[9] mais tarde, a partir de 1950, passou-se a utilizar o arado puxado por bois para revolver a terra. "A casa dos caboclos, de maneira geral era simples, construída a pau-a-pique e com cobertura feita de tabuinhas; não possuíam assoalho, apenas chão batido."[10] O fogo era feito no chão, pendurando-se sobre ele panelas, presas por ganchos, para cozinhar os alimentos (geralmente uma ou duas panelas de ferro). Florência Bueno de Oliveira, esposa de Garvão, faz um relato a respeito dos perfumes que as moças usavam ao participar de festas e de bailes: fritavam-se em gordura de galinha folhas de manjericão e bergamota com alecrim, essência que era guardada em vidros.

Os descendentes de imigrantes italianos, na sua maioria, eram provenientes das terras de Guaporé, Sarandi e Lajeado e emigraram para as novas terras fugindo da política repressiva e autoritária do governo de Getúlio Vargas (1937-1945), que proibiu o uso da língua italiana, a única que os descendentes conheciam.[11] Esses descendentes de italianos deslocaram-se dos centros urbanos para morar no interior. Considera-se, então, que os conhecimentos sobre o cultivo de produtos e formas de armazenamento foram trazidos pelos colonizadores e passados aos filhos na "nova terra". Na época, não havia maquinário agrícola;

---

[9] Espécie de cavadeira de madeira; pau em forma de cavadeira com que se abre a terra para plantar milho.

[10] NORA, Nilse Cortese Dalla. *Quem chega, quem sai*. A política de distribuição de terras no Rio Grande do Sul – o caso de Jaboticaba. Passo Fundo: Ediupf, 2006. p. 117.

[11] Getúlio Vargas buscava, com a política da nacionalização, a constituição de um Estado único, onde as diversidades regionais passassem a ser atores coadjuvantes, ao lado do protagonismo reservado à identidade brasileira. SGANZERLA, Cláudia Mara. *A lei do silêncio.* Repressão e nacionalização no Estado Novo, em Guaporé. Passo Fundo: Ediupf, 2001, p. 41.

o serviço era braçal e usava-se o arado puxado por bois para preparar a terra; plantava-se com máquina manual e eliminavam-se as ervas daninhas com enxada. Para colher a produção usava-se a foicinha; roçavam-se as capoeiras com a foice; cortava-se a aveia para alimentar o gado com a gadanha e malhavam-se os produtos a manguá para debulhá-los, como é o caso do feijão e do trigo. Mais tarde surgiu a trilhadeira, que serve para trilhar a maioria dos grãos e é usada até hoje por muitas pessoas. Atualmente, existem novas máquinas, com tecnologia avançada, usadas na área agrícola.

Dentre os descendentes de imigrantes italianos foi entrevistados Realdo Vitor Botolini,[12] filho de José Bortolini, um dos desbravadores das terras e figura principal da história de Novo Tiradentes, o qual, juntamente com Leopoldo Raimundo Tasca, realizou a medição e a demarcação das terras onde se iniciou a povoação. José Bortolini era procedente de Sarandi e mudou-se em 1945 para o povoado de Tiradentes com a família, que era muito grande: oito homens e quatro mulheres, assim nomeados: Tranqüilo, Armelindo, Gentil, Olímpio, Otavino, Zeferino, Realdo e Marino e, Luiza, Ana Maria, Helena e Natalina. Realdo afirmou que seu pai possuía pouca terra e a família era numerosa, além de que em Sarandi as terras eram muito caras. Dessa forma, saíram à procura de terras devolutas, vindo "em busca de melhoramentos de vida". O primeiro professor do local, Antônio Portes, deficiente e que caminhava com muletas, foi buscado em Barril.[13]

---

[12] BORTOLINI, Realdo Vitor. Nasceu em Sarandi no dia 12 de novembro de 1939. Entrevistado por Nilse Cortese Dalla Nora no dia 8 de maio de 2007, em Novo Tiradentes.

[13] Barril foi o primeiro nome do município de Frederico Westphalen.

Guilherme Antonio Rinaldi[14] perdeu o pai, José, com apenas um ano de idade. Havia ainda outro irmão mais velho do casamento de José e Maria Rinaldi. Após a morte do seu pai, sua mãe casou-se pela segunda vez, com Ernesto Fumagalli, a quem consideravam como pai. Antes de vir para Tiradentes, moraram na linha Palmeira, município de Sarandi. Guilherme afirma que, quando se mudaram para Tiradentes, em 1953, "por aqui tudo era sertão". A estrada geral foi aberta com picão; não havia comunicação e o único meio de transporte era o cavalo. Muitos vizinhos eram alemães, aos quais, de início, não compreendiam; porém, aos poucos foram se entendendo. Por ocasião de mudança, a viagem demorou um dia entre Sarandi e a localidade de Tiradentes.

Ao ser perguntado sobre em busca de que teriam vindo, Rinaldi respondeu: "Viemos em busca de mais progresso".



Fonte: Foto cedida por Guilherme Antonio Rinaldi.

Figura 19 – Casa de moradia da família de Guilherme Antonio Rinaldi - 1969

[14] RINALDI, Guilherme Antonio. Nasceu em Lajeado no dia 12 de setembro de 1928. Entrevistado por Nilse Dalla Nora, no dia 7 de fevereiro de 2007, no Centro Administrativo de Novo Tiradentes.

O casal Domingos Boff e Dilecta Marcolan Boff veio para a localidade de Tiradentes no ano de 1949, provenientes de Liberato Salzano. Hermínio Boff[15] afirma: "Viemos porque era uma comunidade em formação, uma pequena vilinha com terrenos e ruas traçadas. A família instalou-se com o objetivo de colocar uma selaria e sapataria. E foi o aconteceu realmente." Instalaram-se em meio a pequenas áreas desmatadas. Os meninos aprenderam com o pai a trabalhar na sapataria e selaria, sendo este ofício seguido por Hermínio até hoje. A diversão de jogar bola foi aprendida com a família Molinari, e Domingos Boff ensinou a confeccionar bolas de couro. Em razão disso, formou-se na localidade um time de futebol. Mais tarde, em 1961, foi organizado o Clube Esportivo e Cultural Tiradentes, cuja primeira diretoria esportiva estava assim constituída: diretor esportivo – Hermínio Boff; presidente – Dionísio Tomasi; tesoureiro – Vitorino Molinari.



Fonte: Foto cedida por Hermínio Boff.

Figura 20 – Comemoração de Bodas de Ouro de Domingos Boff e Dilecta Marcolan Boff - 1989

[15] BOFF, Hermínio. Filho de Domingos Boff. Nascido em Liberato Salzano no dia 14 de dezembro de 1941. Entrevistado por Nilse Cortese Dalla Nora, no dia 7 de fevereiro de 2007, no Centro Administrativo de Novo Tiradentes.

Também Vitório e Angelina Mariussi[16] já eram moradores de Tiradentes quando da mudança do filho Pedro, que, por ser casado, havia permanecido em Sarandi. Eram naturais do município de Lageado e em 1939 mudaram-se para Sarandi, onde viviam na condição de arrendatários das terras nas quais trabalhavam. Sempre com a expectativa de uma vida melhor, mudaram-se para o povoado de Tiradentes em 1950, tornando-se, assim, proprietários de terras, que foram adquiridas de concessionários. A entrevistada lembra as dificuldades do pai durante a mudança para chegar ao lugarejo então denominado Tiradentes, pois tiveram de passar por uma picada, chegando até a chamada linha dos Schmith. Havia ali uma loja e uma ferraria, e era para ali que o pai se dirigia sempre que necessitava daqueles serviços.

Lúcio Cavalli, nascido em 1941, foi vereador no período de 1993-1995, na primeira legislatura do município. Foi vice-prefeito do município de Novo Tiradentes no período de 2001 a 2004. Seus pais eram procedentes de Guaporé e, em 1947, chegaram às "novas terras", hoje município de Novo Tiradentes. Vinham à procura de um futuro melhor, pois nas terras de origem trabalhavam na condição de agregados. Tanto os pais quanto os filhos não sabiam falar a língua portuguesa – "nem para pedir um copo de água". Daí as dificuldades enfrentadas numa terra povoada por caboclos. A primeira casa da família foi coberta com tabuinhas[17] – *escandole*. As tábuas para a construção das casas eram serradas a mão.

Lúcio, como era o filho mais velho, ajudava o pai. Ele traz na lembrança os conselhos da professora aos seus alu-

[16] MARIUSSI, Irma. Entrevistada por Nilse Cortese Dalla Nora no dia 7 de fevereiro de 2007, na sede administrativa de Novo Tiradentes.

[17] Tabuinhas eram pequenas tábuas serradas a mão e que serviam para cobrir as casas.

nos para que estudassem e que era preciso querer, gostar e poder. Ele, então, dizia que queria e gostava, mas não podia, pois o pai necessitava de sua ajuda em casa e na lavoura. Lembra também que não existiam estradas, o que dificultava muito o transporte e a comercialização da produção. Seus pais plantavam trigo, milho, feijão, cevada e abóbora; criavam na propriedade muitos animais, dentre os quais se destacava a criação de suínos, que eram alimentados com "lavagem".[18] Como meio de comunicação existia o rádio movido a bateria. Na casa onde havia um rádio, os demais vizinhos reuniam-se para escutar as notícias. Na escola, seu material escolar era a pedra, onde escrevia e apagava.

Não havia comércio; somente em Jaboticaba existiam algumas casas comerciais para vender os produtos e comprar os gêneros de que necessitavam, mas, para chegar até lá, não havia estradas e a travessia era feita por caminhos estreitos abertos com machado e foice. "Era sofrido, mas tudo aquilo que era produzido conseguiam vender." A terra era produtiva, bastava colocar a semente, que tudo vingava. Para tratar da saúde, o único hospital existente ficava em Palmeira das Missões, para onde os doentes eram levados de caminhão.

Lúcio Cavalli lembra a figura do inspetor colonial contando o fato de que haviam participado, juntamente com os companheiros, de um baile, ao final do qual um rapaz que morava sozinho levou para sua casa a moça com quem havia dançado. No dia seguinte, o inspetor colonial levou o casal até o cartório de Rodeio Bonito e obrigou o rapaz a se casar com a "moça roubada".

---

[18] Lavagem: comida feita com abóbora, milho e outros cereais e que servia para alimentar os porcos.



Fonte: Foto cedida por Lúcio Cavalli.

Figura 21 – Família de Vitório Cavalli - 1965

Germano Anselmo Poletti,[19] proveniente do município de Guaporé[20] e com 17 anos, deslocou-se para Rondinha, onde morou por 13 anos. A partir de 1953, partiu com a família para as terras do lugarejo então chamado Tiradentes. Germano afirma que buscavam uma vida melhor porque onde moravam faltavam terras para o trabalho da família.

[19] POLETTI, Germano Anselmo, 84 anos. Entrevistado por Nilse Cortese Dalla Nora no dia 7 de fevereiro de 2007, na sede do município de Novo Tiradentes.

[20] Em 1875, iniciou a imigração colonial italiana no Rio Grande do Sul. A região nordeste foi a primeira a ser ocupada, com o estabelecimento das colônias imperiais de Caxias, Dona Isabel e Conde d'Eu. A seguir a ocupação dessa região alastrou-se. Em 1884, fundaram-se Antonio Prado e Alfredo Chaves. Em 1892, o crescimento demográfico e a falta de terras fizeram com que imigrantes e descendentes, estes provenientes da imigração interna, ampliassem a área ocupada, fundando a Colônia de Guaporé. SGANZERLA, Cláudia Mara. *A lei do silêncio.* Repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé... Passo Fundo: Ediupf, 2001, p. 85.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 22 – Membros da família de Germano Anselmo Poletti - 1970

Nos primórdios da colonização, a alimentação era toda natural, a base de milho, feijão, arroz, batata, mandioca, polenta, carne de caça; posteriormente, introduziram-se animais domésticos, peixe e açúcar mascavo. Os produtos eram transformados em alimento de forma artesanal e braçal. No monjolo era socado o milho para fazer a canjica, a quirela e a farinha de biju; o arroz era descascado e socado no pilão. Posteriormente, com a construção do moinho, o milho e o trigo eram beneficiados, transformando-se em farinha para a polenta e o pão. Todos levavam ao moinho os produtos para serem transformados e, posteriormente, consumidos e/ou armazenados nas tuias (caixas grandes bem fechadas) para consumo durante o ano todo. A polenta, o queijo, o *radicce*, o salame e o vinho, fabricado de forma artesanal, eram os alimentos prediletos, especialmente dos colonizadores de origem italiana.

Os animais eram abatidos, sua carne era salgada e exposta ao sol em estacas para secar (o charque); no caso da carne de suíno, era picada, cozida em tacho e guardada em latas de banha fechadas para consumo posterior, ou triturada, temperada e ensacada, fazendo-se o salame, costume que existe até nossos dias. A carne de peixe era salgada e pendurada ao sol para secar, transformando-se em algo assemelhado ao bacalhau. Inicialmente, os alimentos eram cozidos no fogo de chão, ou seja, na trempe, com as panelas de ferro penduradas por correntes acima das brasas; depois, veio a chapa e, mais tarde, o fogão a lenha.

Como não havia água encanada, cada morador escavava um poço, de onde retirava a água para beber e cozinhar. Alguns tinham fontes de água para beber. As roupas eram lavadas no rio, sobre pedras, ou sobre um "lavel", todo feito de tábuas e colocado dentro na água. Mais tarde, os homens, cansados de ouvir a reclamação das mulheres e observando seu sofrimento para a lavagem da roupa, formaram uma espécie de associação e construíram um tanque grande, com cobertura, na valeta da água que descia para o moinho de Reinaldo Grespan. Naquele lugar elas podiam lavar roupas mesmo em dias de chuva. Como foram 22 famílias que ajudaram a fazer o grande tanque para que todos pudessem lavar as roupas, elas se dividiam para realizar a tarefa: 11 pela manhã e 11 à tarde, numa semana e, na outra, o inverso. O local fazia a alegria das mulheres, que ali tomavam conhecimento de tudo o que acontecia na vila, como notícias, fofocas, piadas, enfim, era um trabalho prazeroso. Em épocas de seca, para os animais e para limpeza das casas a água era puxada do rio em latões.



Fonte: Cedida por Maria Molinari.

Figura 23 – Lavando roupa no "lavel" - 1979

No ano de 1977 ocorreu uma seca tão grande que quase todos os poços secaram; então, só havia água para beber e cozinhar num poço abaixo do moinho da família Bortolini. Para todo o restante das atividades, só se usava a água do rio. Mesmo quando não era época de seca, a maioria das pessoas usava o rio para tomar banho, especialmente as crianças e jovens, pois era também uma forma de lazer muito saudável no verão, já que não havia poluição e as cachoeiras e corredeiras existentes eram, e continuam sendo, um atrativo turístico.

A agricultura da época era de subsistência. A produção alimentícia era "crioula", produzida e consumida pelos próprios moradores, que só precisavam comprar no comércio, num sistema de troca-troca, produtos manufaturados,

como sal, querosene, fósforos, ferramentas para o manuseio na lavoura, panelas e materiais necessários para o preparo dos alimentos e tecidos para fazer o vestuário. Os comerciantes recebiam os produtos dos agricultores em troca daqueles de que estes precisavam e só pagavam o excedente. O dinheiro era expresso em contos de réis, na época quase supérfluo, algo sem muita importância, pois quase não precisavam dele. Guardavam o dinheiro em casa, sob os colchões feitos de palha, e nas guaiacas, ou o depositavam nas casas de comércio, sem juros, para o caso de alguma necessidade. Como começaram a surgir os espertalhões, que não respeitavam mais a palavra e começaram a lograr os agricultores, houve a necessidade de se buscar os bancos para guardar as sobras do dinheiro.

Na terra praticava-se a policultura, ou seja, no dito popular "tudo o que se planta colhe". Os produtos possuíam valor comercial, ao contrário de hoje, com a implantação da tecnologia de custo elevado, com o que há baixa produção e desvalorização. Por essa razão, hoje o agricultor busca incessantemente novas culturas, visando reduzir os custos de produção, e procura novos mercados. No meio agrícola não eram usados agrotóxicos e fertilizantes, como também era comum o hábito do trabalho em mutirão para carpir, lavrar a terra e colher os produtos cultivados.

As terras pertencentes ao espaço ocupado pelo antigo distrito de Tiradentes constituíam-se em terras devolutas pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul. Muitas pessoas que migraram para estas terras e não dispunham do título de propriedade ocupavam-nas pelo direito de posse. Alguns requereram o título de propriedade; outros somente receberam a legitimação a partir de 1951, com o governo de Ernesto Dornelles, que criou a lei nº 1 542, possibilitando àqueles que moravam há dez anos consecutivos sobre a terra requererem o seu título de propriedade.

1.6 Caracterização histórico-política

Com a criação do distrito de Tiradentes, pertencente ao município de Rodeio Bonito, em 1960, a comunidade construiu o prédio da subprefeitura e um posto policial. Foram subprefeitos Bento Goulart, João Figueiredo e Hermínio Toazza.[21] No comando do destacamento da Brigada Militar estava Maximiliano Ribeiro Siqueira, cabo da esquadra da Brigada Militar do estado, auxiliado por dois policiais.

Encontra-se no acervo histórico da Brigada Militar um livro de registro das ocorrências policiais verificadas no tempo no posto policial então existente. Nessa época foi instalado no município de Palmeira das Missões um aparelho de telefone a magneto, conectado com os distritos de Cerro Grande, Tiradentes e Rodeio Bonito, cujo sinal, para identificação para qual distrito havia chamada, era o número de chamadas. Tudo foi feito com auxílio da comunidade.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 24 – Foto da subprefeitura, desfile 7 setembro de 1970

[21] Liderados por ele (Leopoldo Tasca), os primeiros moradores dessa localidade movimentaram-se para a criação do distrito, junto a Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões. Esta luta iniciou em 1958, e se concretizou em 1960, com a instalação do distrito, sendo nomeado sub-prefeito Bento Goulart. Posteriormente foram nomeados também Hermínio Toazza e João Figueiredo. (Rodeio Bonito, p. 26, 1987).

Em 1962 o distrito de Rodeio Bonito começou o movimento pró-emancipação. Tiradentes declarou seu apoio e organizou uma subcomissão, formada por Ângelo Silvestri, Vitório Cavali, Zeferino Bortolini, Dormelindo Molinari, Germano Anselmo Poletti, Albino Reolon e Hermínio Boff. Após muita luta foi criado o município de Rodeio Bonito, pela lei estadual nº 4 667, de 20 de dezembro de 1963.

A partir dessa data, Tiradentes tornou-se 1º distrito de Rodeio Bonito e escolheu como subprefeitos: primeiro, Germano Anselmo Poletti; segundo, Luiz Boff; terceiro, Abramo Capeletti. Depois a subprefeitura e o posto policial foram desativados e deu-se a eleição dos vereadores. O primeiro vereador representante de Tiradentes foi Ângelo Silvestri; o segundo, Vitório Cavalli; o terceiro, Laurentino Domingos Batistti; o quarto, Dormelindo Molinari; o quinto, Hermínio Boff; o sexto, Roque Cavalli; o sétimo, Maria Molinari (primeira mulher representante no Legislativo).



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto Samurai, de José Didomenico.

Figura 25 – Primeiro, segundo e terceiro vereadores representantes do distrito de Tiradentes. Ângelo Silvestre, Vitório Cavalli, Laurentino Domingos Batistti

Menciona-se o trabalho abnegado e desvelado dos primeiros subprefeitos e também dos primeiros vereadores que representavam o distrito de Tiradentes na Câmara Municipal de Rodeio Bonito, mandato exercido gratuitamente, sempre lutando pelo progresso e desenvolvimento de sua terra.

2 Processo emancipatório

Emancipação é tornar-se independente do velho município formando outro, como um filho adulto que sai da casa de seus pais. Dói a ambos, mas é necessário para haver progresso e vida.[22]

Na sexta legislatura de Rodeio Bonito, iniciada em l989, Tiradentes estava representado por três vereadores: Hermínio Boff, Roque Cavalli e Maria Molinari. Preocupados com o desenvolvimento da sua comunidade e dos municípios vizinhos – Pinhal, Cerro Grande e Jaboticaba –, que já haviam conseguido a sua emancipação, eles colocaram em prática a idéia do então vice-prefeito de Rodeio Bonito, Elio Antonio Três. Este em visita ao sogro, Guilherme Rinaldi, e ao então vereador Hermínio Boff, queixou-se da escassez de recursos destinados ao distrito.

[22] SPONCHIADO, Breno Antonio. *Imigração & 4ª Colônia*: Nova Palma e Pe. Luizinho. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1996. p. 165.

No início a idéia foi considerada por algumas pessoas como uma utopia, mas foi amadurecendo e tornando-se cada vez mais consistente, especialmente entre os vereadores representantes da localidade, os quais se empenharam firmemente na realização do projeto da emancipação político-administrativa. Para isso, os três vereadores viajaram a Porto Alegre, onde mantiveram contato com a assessoria jurídica do deputado e presidente da Comissão das Emancipações da Assembléia Legislativa, deputado Helio Muskof, que, após analisar o relato sobre as condições da comunidade, disse haver a possibilidade de criação do município. Por isso, o pedido de emancipação ficou protocolado no gabinete do deputado.

Em 1989 a comissão formada para trabalhar pela emancipação convocou a população para planejar a criação do município. Dessa forma, todos os membros trabalharam incansavelmente junto às comunidades do interior e da sede, fazendo reuniões para expor as vantagens de tornar-se independente política e administrativamente e mostrando que, para conquistar a autonomia, uma comunidade deve buscar os meios legais, afirmando-se e impulsionando o seu progresso.

O movimento foi se firmando e, em 28 de abril de l990, os vereadores citados, as lideranças da comunidade e a população do distrito reuniram-se no pavilhão de esportes da localidade e formaram a comissão emancipacionista, que se empenhou mais diretamente junto às autoridades competentes na luta pela emancipação. A comissão, eleita por aclamação pela comunidade, conforme ata anexada, ficou formada pelos seguintes membros: presidente - Roque Cavalli; vice-presidente - Hermínio Boff; 1º secretário - Deoclécio Silvestri; 2º secretário - Zélio Cavazin; 1º tesoureiro

- Maria Molinari; 2º tesoureiro - Antonio Franchini; Conselho Fiscal - efetivos: Lidio Francisco Vicari, Marivar Roque Molinari e Aldino Piffer; suplentes: Romeu Paloschi, Antonio Strapasson, Alceu Stefanelo e Ivan Costa Batista.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 26 – Comissão Pró-Emancipação de Novo Tiradentes - 1992

Nas reuniões também eram colhidas sugestões para a atribuição do nome do município.[23] Na época foram sugeridos vários nomes: Tiradentes do Norte, Tiradentes do Sul (descartado pela comissão pelo fato de existir outro município com este nome), Novo Tiradentes e Tiradentes Novo.

Superando as dificuldades, as críticas das pessoas desinformadas e com o apoio unânime da comunidade, os membros da comissão emancipacionista muito lutaram para conseguir seu objetivo, realizando diversas viagens à capital do estado para participar das reuniões e buscar o apoio dos deputados da região, visando convencer as autoridades constituídas de que seria vantajoso para os habitantes do distrito o desmembramento do município de Rodeio Bonito. Também foi idealizado um programa semanal

[23] No processo de emancipação era quase inexistente a oposição, tanto que, no plebiscito, a grande maioria dos votos deu parecer favorável à emancipação.

na rádio Ametista de Planalto (RS) a fim de informar a população sobre o andamento do processo da emancipação. Nesta época o processo retrocedeu um pouco porque o Tribunal Regional Eleitoral constatou que não havia número de eleitores suficiente para a aprovação. Dessa forma, a comissão retornou a Porto Alegre e entrou com uma ação na Justiça. Voltando à comunidade, iniciou a campanha objetivando trazer os eleitores que votavam fora do município para que transferissem o domicílio eleitoral e votassem no distrito. Tendo apresentado à Justiça o número suficiente de eleitores, esta concedeu, *sob judice,* que fosse realizado o plebiscito. A partir daí, intensificaram-se os trabalhos da comissão emancipacionista, objetivando que a população decidisse com boa margem de votos pelo "sim".

No dia l0 de novembro do mesmo ano foi realizada a consulta plebiscitária, cujo resultado foi: l l39 eleitores votaram pelo sim e l39, pelo não. Dessa data até o dia em que o governador do estado sancionaria a lei que daria origem ao novo município, todos os esforços foram concentrados para que o tão sonhado projeto se tornasse realidade. Assim, a concretização do sonho ocorreu em 20 de março de l992, com a criação do município de Novo Tiradentes através da lei estadual nº 9 628. A festa para comemoração do evento foi realizada no dia 5 de abril do mesmo ano, com celebração de uma missa, carreata pelas principais ruas da área urbana, ao meio-dia almoço de confraternização e, à tarde, jogos e muita animação

O primeiro prefeito a administrar o novo município, empossado em lº de janeiro de l993, foi Hermínio Boff, e o vice-prefeito, Pedro Battisti, juntamente com os vereadores Eolar Battisti, Paulo Aquiles Grespan, Lídio Francisco Vicari, Hilário Savi, Valdecir Silvestri, Odalgiro Ré,

Francisco Roque Franco de Almeida, João Carlos Zanetti e Lúcio Cavalli.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto Samurai.

Figura 27 – Primeira gestão (prefeito e vice-prefeito) - 1993-1996

Histórico político administrativo

Gestão: 1993 a 1996
Prefeito: Hermínio Boff
Vice-Prefeito: Pedro Battisti
Instalação e funcionamento administrativo do Poder Executivo;
Construção do prédio do centro telefônico (DDD);
Construção do prédio da Brigada Militar;
Aquisição de duas chácaras: loteamento COHAB e Parque Máquinas;
Construção do parque de máquinas;
Aquisição de veículos;
Aquisição de máquinas;

Construção de calçamentos;
Convênio para a construção de casas do Programa Pró-Moradia;
Programa de reforma de casas.

Foram eleitos para a segunda gestão, de l997 a 2000: prefeito - Pedro Battisti, vice-prefeito - Décio Silvestri, vereadores Paulo Aquiles Grespan, Valdecir Silvestri, Lurdes Maria Battisti, Hilário Savi, Lídio Francisco Vicari, Maria Molinari, Luiz Carlos Lavratti, Luiz Alexandre e Eli Gomes.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto Samurai

Figura 28 – Segunda gestão (prefeito e vice-prefeito) - 1997-2000

Gestão: 1997 a 2000
Prefeito: Pedro Battisti
Vice-Prefeito: Décio Silvestre
Construção do prédio do Prodesa;
Liberação das linhas telefônicas DDD nas Residências;
Aquisição de veículos;
Aquisição de máquinas;
Construção de calçamento através de financiamento FUNDOPIMES;
Inicio da construção do prédio Próprio Centro Administrativo, com Financiamento Fundourbano;
Ampliação de escolas municipais;
Implantação da bacia leiteira;
Convênio governo Estado do Programas do RS Rural;
Visita Governador Estado, Antonio Britto, em 1998, em campanha para reeleição, e anuncio da ligação asfáltica até município Pinhal e entrega em doação ao município do antigo prédio da Cooperodeio.
Convênio para a construção e reforma de casas;
Ampliação da Unidade Sanitária (Posto de Saúde);

Para a terceira gestão – 200l a 2004 – foram eleitos: prefeito - Gilberto Mori, vice-prefeito - Lúcio Cavalli, vereadores Hilário Savi, Ari Pedro Bariviera, Lídio Francisco Vicari, Miguel Arcanjo Dahmer, Lauro Barbieri, Luiz Carlos Lavratti, Carlos Vilmar Cenci, Marcos Antonio Battisti e Claudir Cardoso Pereira.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto Samurai

Figura 29 – Terceira gestão (prefeito e vice-prefeito) - 2001-2004

Principais obras realizadas anos 2001 a 2008 Poder Executivo de Novo Tiradentes - RS

Prefeitura Municipal
Praça da cidade
Iluminação publica ruas Jose Bortolini, Angelo Silvestre e Leopoldo Tasca
Prédio Agricultura, Emater e PIM
Ampliação Escola Municipal Aparecida
Ampliação parque maquinas
Edição da primeira Feinoti 2003
Aquisição de 14 veículos e máquinas
Perfuração de poços e redes de água
Cascalhamento dos principais acessos
Subsídios na agricultura

Histórico político administrativo

Gestão: 2001 a 2004
Prefeito: Gilberto Mori
Vice-Prefeito: Lúcio Cavalli
Realização de audiências públicas em todas comunidades, para escolha das metas prioritárias;
Criação da página internet do município (www.novotiradentesrs.com.br);
Concessão de subsídios de insumos agrícolas;
Concessão de subsídios de sementes e inseminação artificiais;
Conclusão do centro Administrativo;
Aquisição de veículos e máquinas;
Construção de calçamentos na área urbana;
Convênio para a construção e reforma de casas;
Criação do Programa Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social;
Lançamento da pedra fundamental da construção da PCH da Usina do Moinho;
Construção do Berçário Industrial;
Construção do Prédio do Centro de Múltiplo Uso ao Grupo da Terceira Idade "Alegria de Viver";
Construção da Praça Reinaldo Grespan;
Concessão de incentivos financeiros aos Universitários;
Apoio a geração de emprego e renda;
Instalação de iluminação pública com lâmpadas vapor de sódio nos canteiros centrais e nos postes nas demais ruas;
Ampliação de escolas municipais;
Convênio governo Estado do Programas do RS Rural;
Programa de equilíbrio das contas públicas;
Ampliação do Parque de Máquinas;
Realização da I FEINOTI (Feira da Indústria, Comércio e do Artesanato)

Para a quarta gestão – 2005 a 2008 – foram eleitos: prefeito – Gilberto Mori, vice-prefeito – Irineu Fernandes, vereadores Antonio Alberto Kern, Ari Pedro Barivieira, Fátima Moro Poletti, Gabriela Goreti Compagnoni, José Vitor Rinaldi, Lídio Francisco Vicari, Nelso Peruzzo, Roque Cavalli, Rudimar Schievenin.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto Samurai

Figura 30 – Quarta gestão (prefeito e vice-prefeito) - 2005-2008

Principais obras realizadas anos 2001 a 2008 Poder Executivo de Novo Tiradentes - RS

Prédio Centro Municipal USO - 3ª idade
Câmara Vereadores
Escola Municipal São Luiz Gonzaga
Pavimentação asfáltica
Biblioteca Pública Municipal
Implantação do Conselho Tutelar
Implantação do 2º grau
Perfuração de poços e redes de água

Subsídios na agricultura
Cascalhamento nos principais acessos
Ginásio poliesportivo
Edição da segunda Feinoti 2007
Aquisição de 14 veículos e máquinas

Histórico político administrativo

Gestão: 2005 a 2008
Prefeito: Gilberto Mori

Vice-Prefeito: Irineu Fernandes

Realização de audiências públicas em todas comunidades, para escolha das metas prioritárias;

Programa de equilíbrio das contas públicas;

Ampliação de escolas municipais;

Aquisição de área de terra para construção Escola Municipal e Ginásio de esportes;

Concessão de subsídios de insumos agrícolas;

Concessão de subsídios de sementes e inseminação artificial;

Aquisição de veículos e de máquinas;

Construção de calçamentos;

Cessão de uso Gratuito do Prédio do Centro de Múltiplo Uso ao Grupo da Terceira Idade "*Alegria de Viver*";

Construção de asfalto nas Ruas da Cidade: Ruas Ângelo Silvestre, Avenida José Bortolini, Duque de Caxias e Leopoldo Tasca.

Convênio para a construção e de reforma de casas;

Inauguração da PCH da Usina do Moinho;

Visita Governador Germano Rigotto, para inauguração usina do Moinho;

Apoio na construção de usinas de energia elétrica da Coogerva, no rio da Várzea;

Apoio a geração de emprego e renda;

Realização da II FEINOTI (Feira da Indústria, Comércio e do Artesanato)

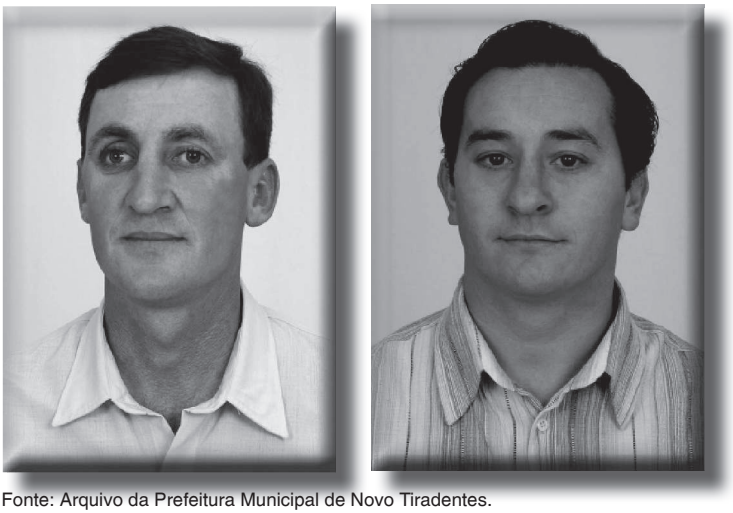
Construção da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luiz Gonzaga;

Concessão de incentivos financeiros a Associação Universitária;

Construção do Ginásio Municipal;

Construção da Nova sede do C.T.G. 21 de Abril.

Candidatos eleitos em 5 de outubro de 2008 para a gestão 2009/2012



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 31 – Prefeito e Vice-Prefeito - Gestão - 2009-2012

Prefeito: Edegar Peruzzo
Vice-Prefeito: Luis Carlos Benedette
Vereadores: Ari Pedro Bariviera, Ademilson Luiz Ré, Dejair Carlos do Amaral, Dari Pazini Bassani, Fátima Moro Poletti, João Darci da Silva Santos, José Vitor Rinaldi, Rudimar Schievenin, Selvino Alexandre

3 Histórico das comunidades

3.1 Linha Barro Preto

Três famílias de origem cabocla – Bueno, Oliveira e Batista – dominavam toda a região das terras da linha Barro Preto e grande parte de Jaboticaba, cujas terras eram contínuas à linha Barro Preto. Na década de 1950, por ocasião da demarcação de terras pelo Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, houve a divisão em lotes. A maior parte das terras era de posse das três famílias, que requereram a sua legitimação ao Estado. Com a derrubada da mata, iniciaram-se as plantações de milho, feijão e abóbora.

A nomenclatura da localidade originou-se do fato de um agrimensor vindo de Palmeira das Missões, ter colocado o marco no local onde a terra era escura, mas, após cavar um pouco, apareceu um barro muito preto. Ao regressar à sede do município, ele percebeu que havia esquecido

sua caixa de ferramentas de trabalho. Ao ser interrogado sobre onde a teria deixado, disse que a deixara num local onde havia um "barro preto". Daí o nome da linha. Além das três famílias mencionadas anteriormente, outras devem ser citadas como os Oliveira, Poncio, Zanquetta, Mori, Peruzzo, Possamai, Corrêa, Fróis, Fortunatto, Massoco, Borsa e Piccini.



Fonte: Cedida pela comunidade.

Figura 32 – Celebração de casamento na comunidade

As terras passaram a ser objeto de comercialização pelos proprietários de grandes áreas de mata virgem, que as dividiam em pequenos lotes, seguindo o padrão de colonização oficial.

Na década de 1940 vieram as famílias Zanquetta e Renner, de origem italiana, provenientes da região de Chapada e que buscavam por melhores condições de vida. Elas se deslocaram pelo caminho de Jaboticaba, em carroças puxadas por cavalos; entraram mata a dentro, abrindo picadas com facão, machado e picão para poder chegar até

a região de Barro Preto com suas mudanças. Compraram os lotes de terras das famílias moradoras do local. Havia muita caça, e a pesca era feita numa sanga que deságua no rio Jaboticaba.

Naquela época tudo era difícil, não havia capela, nem escola. Para as pessoas que ficavam doentes, a medicação consistia em chás caseiros, ervas medicinais, ou recorriam aos curandeiros e benzedeiras; em casos extremos, eram levadas a cavalo até Palmeira das Missões para receber atendimento médico. A maioria dos filhos nasciam pelas mãos das parteira Arminda Renner Zanchetta, sendo que, após seu falecimento o trabalho continuou sendo realizado pela sua irmã Doralina Renner Zanchetta.

Na década de 1950 chegaram as famílias Peruzzo, Mori, Genoatto e Arenhart, descendentes de italianos e provenientes de Guaporé. Com a chegada dessas famílias, instalou-se, na localidade, um comércio e uma serraria. A partir de então, essas lideranças planejaram, juntamente com o padre Pedro Graci, a construção da capela da religião católica. Mais tarde, surgiu outra confissão religiosa, a Assembléia de Deus, porém, como a população católica constituía a maioria, predominou esta religião na região. Nessa época, havia a comemoração do dia de São Sebastião pela comunidade cabocla, que o elegeu padroeiro da capela. Também festejavam São João durante as festas juninas. Nos dias santificados, a população se reunia pela manhã para a reza do rosário. À tarde, os homens, no pavilhão, jogavam cartas, conversavam e se divertiam. As mulheres reuniam-se nas casas das comadres para conversar, tomar chimarrão e comer pipoca. Semestralmente era celebrada uma missa na capela.

Por essa época, com o mesmo espírito de luta, conseguiu-se a primeira escola, de madeira, construída no terreno da capela e denominada Alfredo Westphalen. O primeiro professor foi Hermes Prado. Mais tarde trabalhou na comunidade a professora Izaltina Amaral, que gostava de música, motivo pelo qual a escola foi denominada Escola Santa Cecília e atendia alunos da 1ª à 4ª série.



Fonte: Cedida pela comunidade.

Figura 33 – Encontro das famílias na área rural - 1953

A casa de João José Mori tornou-se um ponto de referência na pequena povoação, porque nela se hospedavam os professores que trabalhavam na Escola Municipal Santa Cecília. Esses professores foram Inês Scarsi, procedente de Rondinha e que trabalhou na escola de 1959 a 1961; Dorvalino Batalha, procedente de Palmeira das Missões, que trabalhou como professor em 1965 e 1966; Izaltina Amaral Foppa, que atuou de 1967 a 1974, também de Palmeira das Missões; Airton de Jesus Câmara da Silva, que trabalhou na Escola Santa Cecília, também fazia as refeições nessa casa. Também os padres que realizavam as atividades religiosas deslocavam-se de Palmeira das Missões e, mais

tarde, de Rodeio Bonito, ficavam hospedados na casa de João José Mori. João e Leonilda nomearam os padres que atendiam a povoação como sendo Pedro Rubin, Tranqüilo, Guilherme Werts, Teodoro Sybericheș e a religiosa irmã Clotilde. A família Mori colaborou na construção da capela, da escola, do cemitério e esteve sempre envolvida em todas as diretorias. Naquela época, os coletores de impostos[24] que faziam o trabalho na região vinham de Palmeira das Missões e permaneciam na residência de João e Leonilda até o término dos trabalhos.



Fonte: Cedida pela família de João José Mori.

Figura 34 – Foto do casal Mori - 1951

João contou que, por longo tempo, foi amigo de muitos políticos que transitavam por aquelas terras, entre os quais Luciano Machado, Fernando Gonçalves, José Augusto Amaral de Souza, Plínio Dutra, Paulo Ardenghi, Nassib

[24] No Rio Grande do Sul, procurando legitimar a posse da terra e garantir fundos para a colonização, Borges de Medeiros impõe, em 1903, o imposto territorial, que atingiu tanto a grande propriedade como a pequena. GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. *Colônia*: um conceito controverso. Caxias do Sul, 1996. p. 52.

Nassif, Pompílio Gomes Sobrinho, Cícero Amaral Viana, Wilmar Vink de Souza e Rubens Ardenghi. Em campanhas eleitorais e na inauguração de obras pela região esses personagens hospedavam-se na residência da família.

A comunidade era muito religiosa e construiu uma pequena igreja de madeira falquejada a mão, onde colocaram um quadro de São Sebastião. Anos mais tarde foi construída a capela da qual este santo é o padroeiro, cuja imagem, existente até hoje, foi doada por João Mori e família. A partir da década de 1960, as professoras Inês Scarssi, Edite Severo e Izaltina do Amaral Foppa, trabalharam na escola municipal Santa Cecília. A partir da década de 1970 também lecionaram os professores Airton de Jesus Câmara da Silva e Dorvalino Batalha. Hoje, além da igreja de alvenaria, a comunidade dispõe de uma escola municipal, onde estudam alunos de pré-escola até 4ª série do ensino fundamental; de um pavilhão para realização das festividades e de um dos melhores campos de futebol do município. A linha Barro Preto localiza-se no centro-oeste do município, na divisa com Jaboticaba.



Fonte: Foto cedida por José Guido Peruzzo.

Figura 35 – Ordenação sacerdotal do padre Leonir Carlos Peruzzo - janeiro 1994

Mencionamos a ordenação sacerdotal do padre Leonir Carlos Peruzzo, no dia 15 de janeiro de 1994, na Igreja Matriz Nossa Senhora Medianeira, de Jaboticaba, cuja primeira missa foi celebrada em 16 de janeiro na comunidade de Barro Preto. Atualmente o padre trabalha numa paróquia de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso.

Na comunidade, o esporte sempre foi tradicional. A maior conquista aconteceu em 16 de junho de 1996, quando os times da comunidade de Barro Preto e Linha Aparecida se uniram, representando o município, a equipe sagrou-se campeã regional, no qual participavam doze municípios.



Fonte: Foto cedida pelo Esporte Clube Flamengo Barro Preto.

Figura 36 – Time de futebol Flamengo de Barro Preto

3.2 Linha Pilão de Pedra

Situada a oeste do município, faz divisa com Pinhal. Chama-se Pilão de Pedra porque até hoje na cabeceira do riacho existe uma pedra em forma de pilão com um socador.

Em 1946, a família de Vitório Fiori passou a residir na comunidade, onde já havia muitos moradores, instalados desde 1920, como Bertoldo, Dorva Delgado, Miroca Delgado, Selvino Gomes, Avelino Elói, Marcelino Elói, Gildo Luci, Sebastião Campos. Nesta localidade havia muito mato e um rio cujas águas, mesmo em épocas de enxurradas, permaneciam límpidas. Existiam também muitos animais silvestres, como veados, macacos, bugios e porcos-do-mato. A partir da década de 1950 ali se instalaram as famílias Granella, Bassani, Della Paschoa, Fumagalli, Gnoatto, Dal'Pizol, Severo, Reolon, Grespan, Müller, Mülhões de Oliveira e Amaral. Todas vinham munidas da vontade de progredir e conseguir melhores condições de vida. Em 1955 foi fundado o primeiro time de futebol, na propriedade de José Severo.



Fonte: Cedida por Aldo Fiori.

Figura 37 – Time de futebol da comunidade - 1973

Foi construída uma pequena capela de madeira bruta pelos moradores, todos muito religiosos. Como Gildo Luci tinha um filho com sérios problemas de visão, fez a pro-

messa de que, se o menino melhorasse, doaria a imagem de Santa Lúcia à comunidade. A graça foi alcançada e a imagem existe até hoje, porém numa capela de alvenaria, onde acontecem celebrações em homenagem à padroeira Santa Lúcia. Também há um pavilhão de esportes e promoções festivas.

Mais tarde também foi doada por Balduíno Knopf uma imagem de São Roque. Na comunidade o progresso foi chegando aos poucos e em 1970, a luz elétrica; em 1986, num esforço conjunto da comunidade e poderes estadual e municipal, foi perfurado um poço artesiano, servindo a comunidade com água potável. Melhorou também a vida das famílias quanto aos transportes e às comunicações.

3.3 Linha São João Vianey

É a maior comunidade do interior e localiza-se a leste do município, cercada pelas margens do rio da Várzea.

Os primeiros moradores que ali chegaram, em 1944, foram Ernesto Camargo, Antonio Gordo, Elias Ferrari e as famílias Corti, Casali, Machado, Battisti, Vargas, da Rosa, Mocellin, Rossato e outros, que desbravaram as matas formando o povoado. A primeira construção comunitária aconteceu na década de 1940 e servia para o funcionamento da escola, da igreja e para festas. Na escola, a professora Vilma Battisti atendia alunos de 1ª a 4ª série.

A localidade chamava-se linha Battisti. Esta denominação deve-se ao fato de a maior parte da população ser descendente da família de Luiz Battisti, que era proveniente de Lajeado. Por volta de 1957 transferiu-se para a localidade de Tiradentes. Exercia a profissão de carpineiro, motivo pelo qual auxiliou na construção da primeira

igreja. Também construiu os bancos de madeira, que ainda hoje servem para abrigar os fiéis. "Na família Luiz Battisti, três pessoas dedicaram-se a vida religiosa, Frei Hilário, que exerce seu trabalho no município de Três Passos, e Irmã Jurema, cujo trabalho é desempenhado em Nova Prata; e Irmã Ida, missionário em Naputo, no Continente Africano."[25] Na época foi construída uma pequena capela pelos moradores, a qual foi batizada por um padre que invocava São João Vianey para protegê-lo dos perigos durante as viagens a cavalo quando ia rezar as missas, celebrar batizados e casamentos no interior. Tal fato deu origem ao nome da localidade, que tem o santo como padroeiro. Por ser terra fértil e produtiva, entre l955 a l960 atraiu um grande fluxo de novos moradores, formando-se uma grande comunidade.

O primeiro professor de uma pequena escola, construída pelos moradores em l952, foi Severo Fernandes, veio de São Pedro do Sul no ano de 1954, e no ano seguinte passou a lecionar na escola desta comunidade, para os alunos de 1ª a 5ª série. Severo afirma:[26] "trabalhou com esforço para transmitir seus conhecimentos aos alunos, procurando formar bons cidadãos." Elemar Batisti, que hoje é presidente da Creluz também foi seu aluno. Mais tarde, foi construída uma nova escola, onde trabalharam as professoras Vilma Rossato e Nilce Battisti. Na escola municipal Laurentino Domingos Battisti estudam alunos da pré-escola à 4ª série do ensino fundamental. Na linha, atualmente, além da igreja e da escola municipal-nucleada, a comunidade dis-

[25] BATTISTI, Raimundo, nascido na Vila de Tiradentes no dia 21 de outubro de 1961. Entrevistado por Nilse Cortese Dalla Nora, no dia 08 de outubro de 2008.

[26] Entrevistado por Nilce Cortese Dalla Nora, no dia 30 de janeiro de 2008, em sua residência no município de Boa Vista das Missões.

põe de um salão para a prática de esportes e realização de todas as promoções festivas.

Outro homem ilustre proveniente dessa comunidade é Elemar Battisti[27] hoje presidente da Creluz. Estudou na Escola 15 de Abril da Linha São João Vianey, distante 2 km da Escola Municipal Laurentino Domingos Battisti. O que o incentivou a seguir adiante nos estudos foi um acontecimento ocorrido na sua vida escolar: a professora da escola Nair Zini, criou um concurso para eleger o rei da escola. Elemar foi o eleito. Precisou dançar com a rainha já eleita e afirma: "entendo que esse fato me ajudou a desinibir, a falar em público".

Elemar conta que, com 8 anos, ia ao moinho dos Bortolini levando grãos para moer. A respeito de Elemar, o prefeito afirma: "foi uma pessoa que trouxe retorno, assim como benefícios ao município de Novo Tiradentes".

Outras famílias colaboraram para o desenvolvimento da comunidade de São João Vianey: Da Rosa, Chaves, Campos, Engem, Borges, Ozelami, Fernandes, Campagnoni, Molinari, Paludo, Willen, Schnaider, Vargas, Ferla, Nunes, Costa, Nicolini, Munsio, Corrêa, Ferrari, Mocelin, Deitos, Borelli, Manini, Kempfer, De Oliveira, Nicaretta, Barbieri, Paloschi, Corti e Zatta.

[27] É filho de Arcides Battisti que residiu por 45 anos na Linha São João Vianey e era proveniente da Linha Progresso, hoje município de Lajeado.



Fonte: Arquivos da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 38 – Escola municipal Laurentino Domingos Battisti da linha São João Wianey - 1962

3.4 Linha São Paulo

Situada ao sudeste do município, teve como primeiros moradores as famílias: Calistro, Alexandre, Galeano, Policeno, dona Fermina e outros, que, com suas famílias, formaram o pequeno povoado. O nome da linha originou-se da devoção da família de Miguel Paulino Calistro, que, mesmo antes de construir a pequena igreja, convidava os vizinhos nos dias santos e domingos para acender uma vela e rezar o terço junto a uma pequena imagem de São Paulo. Após terem construído, de madeira bruta, uma pequena igreja, foi colocada nela uma imagem maior de São Paulo, eleito o padroeiro da comunidade, a qual foi doada por Gervásio Calistro.

Foram também os moradores que fizeram um galpão com bancos toscos de madeira, onde funcionava uma escola, cujo primeiro professor foi Antoninho Porte. Atualmente, a comunidade transformou a escola de alvenaria, desativada

pela prefeitura, numa capela dotada de um pequeno pavilhão para festas e reuniões.

Outras famílias colaboraram para o desenvolvimento da comunidade, como as de João da Cruz, Henrique Boff, Antonio Censi, Fabrício da Cruz.



Fonte: Prefeitura Municipal.

Figura 39 – Capela São Paulo - 2007



Fonte: Prefeitura Municipal.

Figura 40 – Pavilhão da linha São Paulo - 2007

Gervásio Calistro morava com seus pais em Potreiro Bonito. Em 1922 mudaram-se para as terras que antes pertenciam ao território de Jaboticaba. O pai de Gervásio[28] era inspetor colonial e, quando havia alguma intimação a ser feita, era sua tarefa levar o ofício para os intimados comparecerem junto à "autoridade local" para serem conduzidos até a presença do delegado de polícia de Palmeira das Missões. O meio de transporte utilizado então era o cavalo.

Miguel Paulino Calistro foi um dos fundadores da comunidade São Paulo, juntamente com João Ré, Antônio Jesus da Cruz, Dorvalino Gheno, João Milani e Gervásio Calistro. Foi ele quem doou a terra para a construção da igreja, da escola, do pavilhão e do cemitério.

Clementina de Figueiredo, oitenta anos,[29] proveniente de Sobradinho, juntamente com os pais, passou a morar no local em 1949. "O namorado já tinha vindo na frente." Casou-se logo depois da chegada com Arturino Figueiredo, com quem teve nove filhos. Ela conta que tudo era difícil: as terras estavam intactas, havia mata virgem e somente podiam plantar nos espaços onde havia capoeira. Ao conversar a respeito da transação realizada para adquirir as terras, Clementina afirma que eram posses: "A gente entrava p'ra dentro e ficava de dono – a terra foi ganhada – temo aqui inté agora e não paguemo nada."

---

[28] CALISTRO, Gervásio. 85 anos. Entrevistado por Nilse C. Dalla Nora em sua residência, na linha São Paulo, no dia 25 de janeiro de 2007.

[29] FIGUEIREDO, Clementina, entrevistada por Nilse Cortese Dalla Nora no dia 25 de janeiro de 2007, na Linha São Paulinho.



Fonte: Cedida por Clementina Figueiredo.

Figura 41 – Família de Clementina Figueiredo - 1956

3.5 Linha Rincão das Flores

Desde a colonização, na década de 1950, a linha chamava-se Bocó do Liberato e, como não havia estradas, locomoviam-se pelas águas do rio da Várzea. Quando da visita de um pastor de nome Onorato, este chamou o local de "rincão" por estar distante das outras localidades. Conta-se que um padre, ao visitar a linha para celebrar missa e realizar os casamentos e batizados, vendo as crianças relacionou-as às flores e disse que o nome "Rincão das Flores" ficaria muito bem para aquela localidade distante. Daí a origem do nome da linha, que se localiza a sudoeste do município e é banhada pelo rio da Várzea.

As primeiras famílias que habitaram na localidade foram: Lopes Simões, Torma, Rodrigues de Almeida, Biriva, Padilha, Pereira, Menegaz, De Lima Vargas, Santos, Mendes da Costa, Biazus, Alexandre, Araújo, Madalena, Silva, Batista, Da Rosa, Da Cruz, Oliveira, Moreira, Morais, Var-

gas, Ferraz e Biazus. Essas famílias formaram o pequeno povoado.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 42 – Escola municipal Paz, Luz e Caridade, linha Rincão das Flores - 1967

A primeira escola funcionava numa pequena casa feita de madeira falquejada a mão, doada por Ricardo L. Simões, onde, inicialmente, a professora Aparecida começou a escolarizar as crianças. Mais tarde passaram a lecionar no local os professores Florisbelo Mendes, Jurema Cavalli e Nadir Simões das Neves. Em 1954, no povoado foi construído por Ricardo Lopes um centro da religião espírita, que existe até hoje. Havia também uma pequena igreja católica, construída por Polidório de Lima Vargas e Bastião Menegaz, que, por serem devotos do Sagrado Coração de Jesus, adotaram-no como padroeiro da localidade. Na linha a professora Joraci Dallacorte lecionou por muitos anos e também ministrou a catequese.



Fonte: Cedida pela Capela Sagrado Coração de Jesus.

Figura 43 – Igreja Sagrado Coração de Jesus, linha Rincão das Flores - 1962

3.6 Linha Sanga Feia

A partir da década de 1940, Pedro Mariussi, Vitório Cavalli, Ângelo e Pedro Longhi, Alberto Scaravonato, Danilo Rotolli, Genoino Fiori, Otavino Bortolini e Domingos Pina, entre outros, instalaram-se no vilarejo. Antes de se chamar Sanga Feia, a localidade era denominada de linha Mariussi. Como toda vez que chovia muito a sanga enchia-se e alagava as terras circunvizinhas, as pessoas diziam "a sanga está feia". Assim, decidiram chamar a linha de Sanga Feia. A primeira escola construída pelos moradores era de madeira, onde lecionou a professora Laura. Anos depois, a prefeitura do município de Rodeio Bonito construiu uma nova escola, feita de alvenaria, onde trabalharam várias professoras. A maioria dos moradores é da religião católica, e as rezas são comunitárias.

Segundo Lurdes Fiori[30] outras famílias foram importantes na construção da comunidade: Marino Antonio Fiori, Deoclécio Fiori, Salvador Battisti, Demer Malfati, família Marcolan, Vitório Mori, Emiliano e Roberto Fiori, Danilo Daltora, família Cavalli, Júlia Poncio, Pedro Montanari, Luiz Pina, Mário Zampiva, Sueli Frandalozzo e a grande família Camargo.



Fonte: Cedida pela comunidade Linha Sanga Feia.

Figura 44 – Foto da Romaria Nossa Senhora Salete - 1983

[30] FIORI, Lurdes, entrevista por Nilse Cortese Dalla Nora no dia 2 de maio de 2008, em Novo Tiradentes.



Fonte: Prefeitura Municipal.

Figura 45 – Escola Municipal José do Patrocínio, 1978

A entrevistada da linha Sanga Feia foi Luiza Scaravonatto,[31] a qual afirmou que moravam em Santa Thereza, Bento Gonçalves. Mudaram-se para a localidade de Lageado Seco no município de Rondinha, onde moraram por cinco anos. No ano de 1948 mudaram-se para as terras de Sanga Feia, então pertencente ao município de Palmeira das Missões. Constituíram-se, em agentes da enxamagem.[32]

Encontraram muitas dificuldades na chegada, especialmente na fala da língua portuguesa. Para o sustento da família havia apenas uma pequena roça, próxima ao rancho; o restante era mato cerrado. Com o passar do tempo, aumen-

[31] SCARAVONATTO, Luiza 91 anos. Entrevistada por Nilse C. Dalla Nora no dia 25 de janeiro de 2007 na localidade de Sanga Feia, município de Novo Tiradentes.

[32] Enxamagem é o conceito usado por Roche para designar a prática dos colonos, especialmente alemães, que deixavam o lote desbravado pelos pais e punham-se em nova caminhada como pioneiros em outras terras. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 331.

taram o roçado e, conseqüentemente, a plantação. Plantavam e colhiam muito feijão, que era malhado com o manguá. Plantavam tudo o que era necessário para a alimentação da família: trigo, milho, cevada, abóbora, batata, arroz e hortaliças. Havia também muita caça, porém não encontraram animais ferozes. O "rancho", a primeira morada nas novas terras, foi construído de tábuas lascadas, que eram amarradas com "torninho", por causa da falta de pregos. As bicas eram feitas com o tronco de coqueiro lascado.



Fonte: Cedida por Luiza Scaravonatto.

Figura 46 – Família de Luiza Scaravonatto - 1970

3.7 Linha São José

Localizada ao norte do município na divisa com Pinhal, São José foi a primeira comunidade criada. Os primeiros habitantes da linha foram Artur Sotilli, Antonio Citolin, Guido Chievenin, José Casanova, Pedro Zacarom, Frederico Michel e Silvio Michelon; nas redondezas moravam

as famílias: Pinto, Lavratti, Rodrigues, Pereira, Belizário, Poncio, Souza Bueno, Zacaron, Cavalli e outros. Esses moradores construíram uma pequena igreja de madeira bruta, coberta de tabuinhas, onde colocaram uma imagem de São José doada por José Casanova, grande devoto do santo, fato que originou o nome da linha.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 47 – Escola municipal da linha São José - 1967

Na linha São José não havia escola; por isso, a primeira professora, Iria Aroldi Lavratti, ministrava aulas às crianças na igreja; as classes eram caixotes, e o quadro era feito de tábuas e pintado com tinta para calçados. Contudo, um grande vendaval derrubou o prédio; então, as celebrações religiosas passaram a ser feitas na casa de Artur Sotilli, e as aulas, na casa de José Casanova. A comunidade se mobilizou e construiu outra capela. A primeira escola foi construída somente após a emancipação de Rodeio Bonito e hoje encontra-se desativada. Atualmente há na comuni-

dade uma capela de alvenaria para abrigar os fiéis católicos e um pavilhão para prática de esporte e lazer, reuniões e promoções sociais.



Fonte: Cedida pela comunidade.

Figura 48 – Foto da antiga igreja São José - 1983



Fonte: Cedida pela comunidade.

Foto 49 – Foto da atual igreja São José - 2007

No ano de 1963, com a emancipação de Rodeio Bonito, o prefeito eleito, José André Acadroli, construiu um prédio de alvenaria para ali instalar a escola, com mesas, cadeiras, quadro-negro e tudo o que era necessário para os alunos estudarem. Por ocasião da inauguração, o estabelecimento recebeu a denominação de Escola Municipal José Bonifácio. Ali, mais uma professora passou a lecionar, Délsi Peruzzolo. O trabalho escolar melhorou muito com mais professoras e melhores condições físicas e materiais.

3.8 Linha Santo Antônio

Situada ao sudeste do município, na divisa com Cerro Grande, a linha Santo Antônio chamava-se Sanga do Bugio, depois Pito Aceso, por ser um povo alegre, que gostava muito de jogar e se divertir. Numa outra versão sobre o nome conta-se que, numa das visitas raras que o padre fazia à localidade, à chegada encontrou todos os presentes fumando e disse em tom de brincadeira: "Todos estão de pito aceso". Por essa razão, o local foi chamado como tal.

Como nos primórdios da colonização não havia igreja, rezava-se num capitel ali existente. Mais tarde, construiu-se uma igreja de madeira com quadros de Santo Antônio. Após alguns anos a comunidade construiu a nova igreja de alvenaria, e José Miorança doou uma bela imagem de Santo Antônio como pagamento de promessa. Daí em diante a comunidade passou a chamar-se Santo Antônio. Os primeiros habitantes da linha pertenciam as famílias Alexandre, Mioranza, Madalena, Emiliano, De Souza, Sartori, Macali, Gambatto, Medina, Raimundo, Araújo, Carvalho, Torma e Famonatto.

A primeira Igreja Evangélica Assembléia de Deus foi fundada na comunidade de linha Santo Antônio, antigo Pito Aceso, por Julio Michel, em 1953, de Palmeira das Missões. Seguiram-se os seguintes presbíteros: Gentil Moura da Silva, Fermiano Alves, Gabriel Rodrigues, Adolfo Martins, João Alves Portela, Nelson da Rosa, João Pinto, Sadi Battisti e Nereu de Oliveira. Em 1991 foi fundada uma filial da igreja no centro de Novo Tiradentes, pelas seguintes lideranças: Nelson da Rosa, João Pinto, Antonio Mello e Elias Barreto Pinto.



Fonte: Cedida pela Igreja Assembléia de Deus.

Figura 50 – Foto da igreja na Linha Santo Antônio - 1953



Fonte: Arquivos da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 51 – Escola Municipal Santo Antônio, 1966

3.9 Linha Aparecida

A linha Aparecida está localizada ao sudoeste do município, na divisa com Rodeio Bonito.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes, 2008.

Figura 52 – Primeira igreja (capitel do Bocó do Zatti)

É sede da futura Usina da Creluz, às margens do rio da Várzea. Nos primórdios da colonização só havia igreja no Bocó do Zatti, construída pela família de Arlindo Pérsio, a pedido da esposa Modesta Pérsio, com a ajuda dos vizinhos Hugo, Bonfílio e Zílio Zatti, Henrique Besold e Diolino Menegon. A pequena igreja ainda existe e tem como padroeiros Santo Antônio e Nossa Senhora das Graças. No local, até hoje é rezado o terço aos domingos pela família Pérsio e outros moradores. Foi chamado de "Bocó do Zatti" por ser um local muito retirado na costa do rio da Várzea e distante dos demais moradores, pois ali só morava a família Zatti. Pelo fato de ser muito longe e difícil o caminho para se chegar àquela igrejinha, os moradores que resi-

diam mais acima resolveram construir outra igreja, cuja padroeira e que originou o nome da localidade foi Nossa Senhora Aparecida. Em homenagem à santa, todos os anos ocorrem grandes romarias.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 53 – Antiga igreja da linha Aparecida - 1967

Os primeiros moradores de linha Aparecida foram Lautério Souta, Hugo Zatta, Natálio Luca de Oliveira, Laurentino Chaves, Carlos Milani, Ricardo Costa, José Barrili, Juvenal Correia, Fausto Chaves, José Lorini, Paulo e Adão Bariviera, João Maria da Cruz, Adão Barcellos, Jonas Barragan Cruz, Osvaldo e Eduardo de Oliveira, Osvaldo Fernandes, João Ré, entre outros. O professor Severo Fernandes foi quem iniciou a escolaridade das crianças desta localidade, lecionando na primeira escola, localizada atrás da igreja. Depois que Rodeio Bonito se emancipou, a comunidade foi contemplada com a construção do primeiro bloco da escola de alvenaria, mais tarde ampliada e hoje

equipada com espaço físico, material didático-pedagógico e recursos humanos habilitados para atender à clientela de alunos da pré-escola a 8ª série do ensino fundamental. A comunidade conta também com um pavilhão para as reuniões, promoções sociais e práticas esportivas e culturais.

Hermínio transferiu-se, juntamente com o pai, Artur Sotili, para a região a fim de instalar uma casa comercial para compra e venda de produtos coloniais. Com Antônio Citolin, formou uma sociedade comercial comprando um caminhão novo. Hermínio afirmou: "Foram anos de crise. Então, para comer, os agricultores fizeram lavouras de milho, trigo e feijão; assim que as plantas estavam crescidas, vieram os gafanhotos que destruíram todas as plantações e que não ficou nada. Quase deu para passar fome."

Hermínio contou ainda que a primeira capela da linha Aparecida foi construída em 1950 pelos primeiros moradores, que foram Lautério Souto, Ricardo Costa, Nico Milani e outros. No ano de 1955, Hermínio tornou-se o presidente da capela. Em 1960 foram construídos uma igreja nova e um pavilhão para festas e bailes. A Prefeitura também construiu uma nova escola, agora de alvenaria. Hermínio permaneceu como presidente da sociedade da capela Nossa Senhora Aparecida por vinte anos. "Porém a sociedade não parou por ali. Construiu-se ainda um clube esportivo e uma igreja nova de alvenaria."[33]

Outros moradores da Linha Aparecida devem ser citados: Barilli, Milani, Da Cruz, Silva, Costa, Oliveira, Corrêa, Lorini, Costa, Toni, Malutar e Zatti.

[33] Hermínio Sotili entrevistado por Nilse Cortese Dalla Nora em Novo Tiradentes no dia 7 de fevereiro de 2007.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 54 – Romaria de Nossa Senhora Aparecida - 2006

4 Identificação - Novo Tiradentes na atualidade

O município de Novo Tiradentes está localizado no extremo norte do estado do Rio Grande do Sul. Situa-se fisiograficamente na região do Médio Alto Uruguai, distante 430 km da capital do estado. Possui uma área de 72,5 km^2, contando com uma população de 2 331 habitantes, sendo 1 152 mulheres e 1 242 homens; 87,61% vivem na zona rural e 12,39%, na zona urbana. Limita-se ao norte pelo município de Rodeio Bonito; ao sul, com Cerro Grande; a leste, com Liberato Salzano e, a oeste, com os municípios de Jaboticaba e Pinhal. A topografia do município é 9% plana, 35% ondulada e 56% montanhosa. O clima é subtropical, com temperaturas aproximadas de 37 °C no verão e uma média anual de l8 °C, com neblinas freqüentes, especialmente nos lugares mais baixos, durante as estações de inverno e primavera. No inverno ocor-

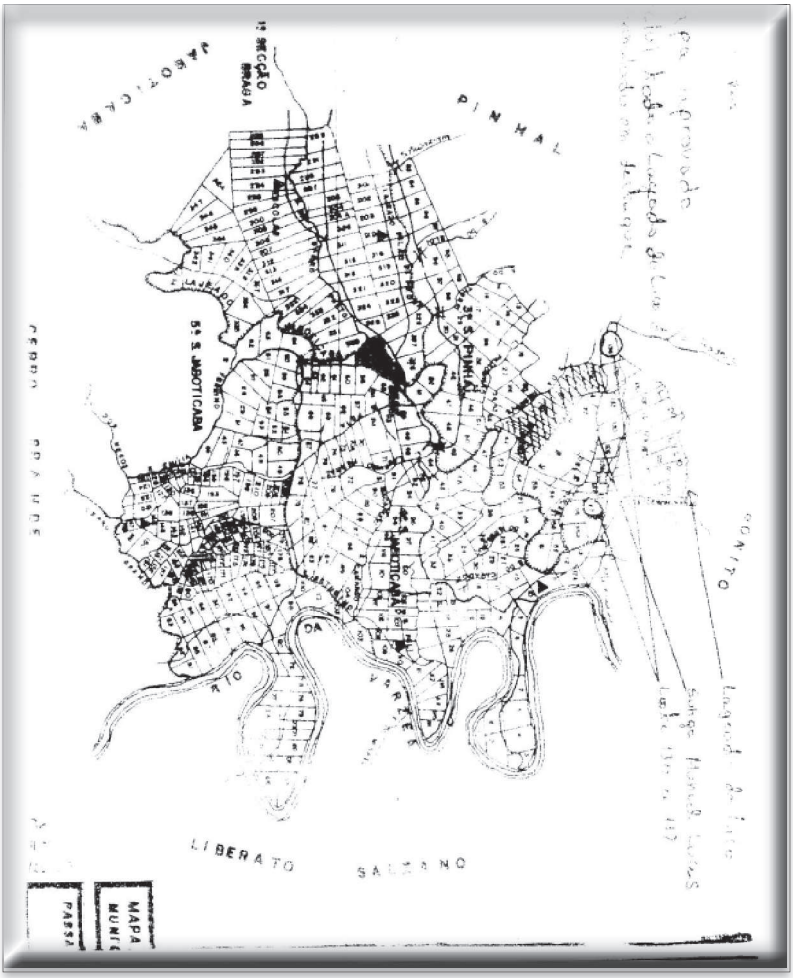
rem geadas ocasionais, com temperatura média que varia entre 5 a 18 °C.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 55 – Vista aérea do município de Novo Tiradentes

A escolha do local para a povoação deu-se pela existência do rio Jaboticaba, perto do qual foi construído o moinho de cereais de propriedade de José Bortolini, importante estabelecimento nos primeiros anos de colonização e que desencadeou a formação do povoado.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 56 – Mapa do município de Novo Tiradentes

A estrutura fundiária de Novo Tiradentes caracteriza-se por mini e pequenas propriedades rurais, e a economia gira em torno da agricultura e da criação de gado de corte e leiteiro. Os tipos de solos são ciríacos e charruas, e os produtos mais cultivados são soja, feijão, trigo, milho,

cana-de-açúcar, mandioca, laranja, bergamota e uva. De alguns anos para cá o fumo transformou-se num dos produtos mais plantados no município, passando a constituir a base da economia, juntamente com a produção leiteira.

O comércio, em fase de crescimento, conta hoje com seis mercados, dois açougues, uma casa agropecuária, um bazar, dois bares e lancheria; uma lancheria com anexo para bolão, sete casas de comércio de vestuário, duas lojas de materiais de construção, um posto de combustível, duas lojas de móveis e eletrodomésticos e uma farmácia.

Quanto à indústria, desenvolve-se com lentidão, principalmente em razão da ausência de uma ligação asfáltica, o que torna o transporte muito oneroso, acarretando sérias dificuldades a quem quer produzir, uma vez que as empresas fornecedoras de matéria-prima não trafegam em estradas não asfaltadas. As microempresas que contribuem para o crescimento industrial do município são o Moinho Franquini, uma marcenaria, uma ferraria, uma malharia, uma padaria, duas salas de costura, uma fábrica de telas, uma serraria e um atelier de calçados.

O município ainda depende, tanto na economia como na indústria, no comércio, na saúde, enfim, na maior parte dos serviços, dos centros maiores, que possuem infra-estrutura para oferecer todos os produtos e serviços. Os centros urbanos mais próximos são Rodeio Bonito, Jaboticaba, Palmeira das Missões e Frederico Westphalen. Estão instalados no município: um escritório de contabilidade, um ponto de táxi, dois salões de beleza, um salão de cabeleireiro, três oficinas mecânicas, agência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com Banco Postal Bradesco, um posto da Caixa Econômica Federal – o Caixa Aqui, agência bancária

do Sicredi e Banrisul, Cooper-A1, Brigada Militar, Ascar/Emater, Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

O sistema de comunicação do município dispõe de uma central automática – Brasil Telecom –, com uma demanda de cento e setenta linhas telefônicas fixas e em torno de cem celulares. Os jornais que chegam ao município são *Correio do Povo* e *Alto Uruguai*. Quanto ao rádio, os munícipes tem acesso à Rádio Solidariedade 90.1 FM, Sociedade Rádio Ametista, Luz e Alegria, Sociedade Rádio Seberi, Universal FM e 89.3 de Rodeio Bonito, além do Canal de TV: RBS – de Passo Fundo. Recentemente, o sistema de comunicação do município teve considerável avanço com a implantação da internet via satélite, aproximando a ligação entre o município e o mundo.

O fornecimento de energia elétrica é feito pela Cooperativa de Energia Elétrica do Médio Alto Uruguai Ltda. (Creluz), com sede em Pinhal, onde está construída uma usina de geração de energia elétrica, no rio Jaboticaba e, futuramente, outra no rio da Várzea. Na sede, a iluminação pública a vapor de mercúrio transformou o visual da cidade, especialmente à noite, nas ruas centrais e na praça, onde foram instaladas luminárias.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 57 – Praça Reinaldo Grespan, conjunto com Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal, Escola Municipal, Igreja, salão comunitário, e, em construção o ginásio municipal de esportes

Existem as seguintes entidades sociais e/ou esportivas: Sociedade Amigos de Tiradentes, grupo da terceira idade Alegria de Viver, Associação Comercial e Industrial, Associação Apostolado da Oração, Pastoral da Criança e da Pessoa Idosa;[34] Centro de Tradições Gaúchas 21 de Abril, A. A. – Grupo de Alcoólicos Anônimos; Esporte Clube Cultu-

[34] Pastoral da criança foi criada no dia 4 de fevereiro de 1993, trabalha com gestantes e crianças até 6 anos de idade. A coordenadora paroquial e de área é Ignes Boff. Em cada comunidade trabalham duas líderes. A Pastoral da Pessoa Idosa foi criada em janeiro de 2008, Organismo de Ação Social pertencente a Igreja Católica, por meio da CNBB, coordenada por Irma Carmen Grespan, e auxiliada por líderes comunitárias ambas com trabalho voluntário e gratuito.

ral Tiradentes. Destaca-se que o grupo da terceira idade e o CTG possuem sede própria. O município dispõe também de um pavilhão, para prática de esportes, para reuniões e programações festivas, e de um campo de futebol, em fase de conclusão.

Existem, ainda, três grupos de dança gauchesca, o grupo infantil, mirim e adulto, nos quais as crianças e jovens adolescentes cultivam as tradições gaúchas através da apresentação de danças tradicionalistas. A comunidade conta com uma banda municipal, composta de vinte e três elementos, que abrilhanta os desfiles cívicos e os eventos organizados pela administração municipal. Além disso, muito tem contribuído para a divulgação do nome do município a banda musical Novo Milênio.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 58 – Primeira missa crioula do CTG 21 de Abril de Novo Tiradentes - 1975

Como não havia prédio próprio, inicialmente a sede administrativa do município foi instalada em peças alugadas de um prédio pertencente a Osmar João Granella, onde, em tempos idos localizava-se o bolão. Este local serviu como sede da administração municipal até agosto de 200l, quando foi concluído o Centro Administrativo, com uma área de l93 m², constituindo-se no cartão-postal do centro da cidade. Há também a praça em frente à igreja, cujo destaque é o Cristo Rei de braços abertos, em sinal de acolhimento a todos que aqui residem e aos que chegam. No centro da praça há uma quadra de futebol de areia, local de encontro dos jovens e de todos os que gostam de praticar esportes; anexa há uma pracinha com diversos equipamentos, como área de lazer para as crianças.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes. Foto de Adenilson Della Paschoa.

Figura 59 – Centro Administrativo de Novo Tiradentes - 2007

Há água encanada em todas as residências nas zonas urbana e rural. No item saúde, a população dispõe de uma unidade sanitária na sede do município, atendida por dois médicos, um dentista, uma enfermeira, cinco auxiliares de enfermagem. São desenvolvidos, em complementação ao atendimento de primeiros socorros, diversos programas de saúde preventiva. A Secretaria Municipal da Saúde conta, além do titular, com dois auxiliares administrativos e uma assistente social. Foi implantado, recentemente, o Programa de Saúde da Família, que melhorou significativamente o atendimento à saúde das pessoas. O município integra o Consórcio Intermunicipal de Saúde, sendo os procedimentos cirúrgicos, exames e especialidades médicas direcionados ao Hospital São José de Rodeio Bonito. Também mantém convênio com profissionais de outras especialidades médicas nos municípios de Frederico Westphalen e Palmeira das Missões.

A primeira Feinoti, uma feira de artesanato, comércio e agropecuária, cujo objetivo é projetar o município no cenário regional, aconteceu de 19 a 21 de dezembro de 2003. O sucesso do evento chamou a atenção dos municípios da região, mostrando as potencialidades locais, tais como comércio, artesanato, produtos industrializados e comercializados e, principalmente, a Feira da Terneira, grande potencial do município. O evento destacou a pujança e a garra do povo de Novo Tiradentes.

Dentre os investimentos mais recentes do município de Novo Tirandentes destaca-se a construção de uma fonte de energia elétrica, a "Usina do Moinho".



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 60 – Usina da Creluz, situada no município de Novo Tiradentes

A inauguração do 5º complexo de geração de energia da Hidrelétrica Tereza Bortolini, Usina do Moinho ocorreu no dia 19 de outubro de 2007. Instalada no Rio Jaboticaba, município de Novo Tiradentes, tem a capacidade de abastecer 650 famílias, que correspondem a demanda total do município.



Fonte: Cedida pela Cooperativa de Eletrificação Rural (Creluz).

Figura 61 – Visita do governador as futuras instalações da Usina do Moinho - 2007

A padroeira da comunidade católica é Nossa Senhora de Lourdes, comemorada com festejos no dia 11 de fevereiro, e o santo padroeiro é São Luis, comemorado no dia 21 de junho. Novo Tiradentes possui vários pontos turísticos a serem destacados, como quedas de água, moinho de pedra, construção da barragem no rio Jaboticaba, duas usinas de eletrificação no rio da Várzea e serraria Bortolini, movida por turbina. A cidade promove romarias tradicionais, como a de Nossa Senhora de Lourdes, em homenagem à santa padroeira. A religião predominante é a católica, cujos fiéis dispõem de um belíssimo templo religioso.

A base econômica do município é a agricultura, com o cultivo de milho, soja, feijão, fumo, entre outros. Também existe a produção leiteira, que auxilia na renda familiar. Atualmente, o município dispõe de vinte e dois estabeleci-

mentos comerciais, que incluem, posto de abastecimento de combustíveis, mercados, casas agropecuárias, lojas de vestuário, açougue, farmácia e empresas prestadoras de serviços em geral.

No setor educacional Novo Tiradentes conta com quatro escolas municipais assim denominadas: Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Cecília, da Linha Barro Preto; Escola Municipal de Ensino Fundamental Domingos Battisti, localizada na Linha São João Vianey, e Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida e Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luis Gonzaga, a qual se localiza na zona urbana do município, somando um total de 232 alunos. Ainda na zona urbana está localizada a Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim José da Silva Xavier, que conta com 330 alunos.

O recorte do estudo de um espaço regional não se acaba em si mesmo. Há sempre uma continuidade no tempo e no espaço. Nesse sentido, é importante a opinião de Ana Luiza Reckziegel: "Os estudos históricos com o recorte regional são, assim, manifestações de um tempo que recusa as ditas concepções hegemônicas, tentando resgatar as particularidades e especificidades locais com a maneira de confirmar ou refutar as grandes sínteses até agora válidas para todas as realidades históricas."[35]

A atual gestão municipal tem o intuito de manter o Programa Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social, que tem como objetivo viabilizar um conjunto de projetos e programas integrados visando melhorar a qualidade de vida dos munícipes e promover o desenvolvimento

[35] RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História Regional: dimensões teórico-conceituais. *História: Debates e Tendências*. PPGH, Passo Fundo: Ediupf, jun. 1999, p. 21.

econômico e social, através do aumento de sua capacidade produtiva e abertura de novas oportunidades de ocupação e renda. Atualmente encontram-se asfaltados 25 mil metrosdas da área urbana.

Prêmio Sebrae Prefeito Empreendedor

Recentemente o prefeito municial Gilberto Mori recebeu do Sebrae o prêmio "Prefeito Empreendedor", concedido aos administradores públicos que tenham implantado projetos que alcançaram resultados de estímulo ao desenvolvimento em seu município, contribuindo ao crescimento econômico e social de seus munícipes.

Edições: 2003 e 2005

Ação: Bacia Leiteira e Geração de emprego e renda.

Classificação: entre quatro finalistas nas duas edições

Edição: 2007, inscrito ao prêmio

Ação: Geração emprego e renda, subsídios aos agricultores, bacia leiteira.





Figura 62 – Prêmio “Prefeito Empreendedor” concedido pelo Sebrae à administração municipal de Novo Tiradentes - 2007





Figura 63 – ?????????

???? FALTA LEGENDA

Famílias que hoje residem no Município de Novo Tiradentes

Aguirres, Alberti, Alexandre, Almeida, Alves, Amaral, Andrade, Andreatta, Antunes, Araújo, Ascoli, Azevedo, Bairos, Bampi, Barbieri, Barbosa, Barcellos, Barivieira, Barrili, Bassani, Batista, Battisti, Beal, Beatto, Belini, Benedetti, Bortoletti, Besold, Biazus, Bigaton, Blodow, Boff, Bombana, Bonet, Borelli, Borges, Bortoletti, Bortolini, Brizolla, Bueno, Calistro, Camargo, Carboni, Cardoso, Carrão, Cavalheiro, Cavalli, Cavazin, Cazarin, Cazarotto, Cenci, Chaves, Chiarello, Coelho, Colpani, Colussi, Compagnoni, Confortin, Conzatti, Cordeiro, Corea, Correia, Corti, Cruz, da Costa, da Rocha, da Cruz, da Rosa, da Silva, Dahmer, Dakan, Dal Cortivo, Dal Molin, Dalla Corte, de Almeida, de Bortoli, de Castro, de Godoys, de Jesus, de Lima, de Lucca, de Mello, de Oliveira, de Quadros, de Souza, de Vargas, Deitos, Della Pasqua, Dellalibera, Dias, do Amaral, Dornelles, dos Santos, Duarte, Durante, Ertal, Farias, Fernandes, Ferrari, Ferreira, Ficagna, Figueiredo, Fiorezi, Fiori, Fischer, Fleck, Flirque, Fontana, Foppa, Fortes, Francesqui, Franchini, Frozzi, Fumagalli, Furquim, Galvão, Gambim, Garcia, Gheno, Girardi, Gnoatto, Gobbi, Gomes, Gonçalves, Gonzatti, Govastico, Granella, Grassi, Grespan, Guedes, Hegner, Ilha, Joaquim, Karling, Kern,

Komosinski, Lavratti, Lima, Loiola, Lopes, Lorini, Ludke, Machado, Maciel, Manfio, Marafon, Marasca, Marcolan, Marques, Massoco, Mattos, Medeiros, Medina, Mello, Mendes, Menezes, Menin, Michel, Michelon, Milani, Milesi, Miliorança, Miorança, Mocellin, Mói, Molinari, Montanari, Moraes, Moreira, Mori, Moura, Muller, Nascimento, Nicaretta, Nicolini, Nitz, Novaes, Nunes, Paini, Palharini, Paloschi, Parcianello, Pasini, Penna, Pereira, Pérsio, Pértille, Pertuzatti, Peruzollo, Peruzzo, Petrini, Pina, Pinto, Piovesani, Pires, Poletti, Policeno, Polita, Poncio, Portella, Pozzobom, Prates, Presotto, Pretto, Raimondi, Raimundo, Ramos, Rangel, Ré, Renner, Reolon, Rigotti, Rinaldi, Rocha, Rodrigues, Rogeri, Santos, Santos, Saraiva, Sartori, Savi, Scaravonatto, Schievenim, Sella, Severgnini, Severo, Signor, Silva, Silvestre, Simão, Soares, Soeiro, Sotilli, Souza, Spelier, Spilman, Spinelli, Stefanello, Steffens, Strapasson, Suptz, Taschetto, Tegon, Telles, Três, Valduga, Vani, Vargas, Vedoy, Verdi, Vicari, Viegas, Vieira, Vivan, Wilmes, Winck, Zampiva, Zampronio, Zanchetta, Zandoná, Zanella, Zanetti, Zanquetta, Zardinello, Zatta, Zini.

Considerações finais

Na análise do contexto histórico reconstruiu-se a atuação de agentes que, a partir da colonização, tornaram-se modificadores do espaço, provocando transformações significativas e possibilitando mudanças que, com o transcorrer do tempo, constituíram-se em marcos históricos regionais. Os pioneiros vivenciaram a experiência da povoação e a construção do espaço local, mas os primeiros moradores da região foram os caboclos, que habitavam as áreas de mata. Eram posseiros, que viviam do extrativismo vegetal, em especial da erva-mate, e cultivavam lavouras de subsistência. A extração da erva-mate servia à população cabocla como meio de sobrevivência, já que dispunha da habilidade necessária para obter o produto. Constatou-se também que, antes da chegada dos descendentes de imigrantes, os caboclos eram livres nas terras, ocupando-as sem o conhecimento jurídico das leis que estabeleciam a necessidade da legalização dessas.

Os descendentes de imigrantes eram originários das Colônias Velhas e buscavam uma vida melhor. Com essa expectativa partiam, juntamente com suas famílias, rumo ao desconhecido, numa busca alicerçada na terra e no trabalho. Desde os primórdios da colonização, enfrentaram dificuldades, como a falta de estradas, de escola, de assistência à saúde, vendo-se, por vezes, abandonados à própria

sorte. Contudo, não se amedrontaram diante das adversidades, nem se desprenderam do sonho do progresso, já idealizado pelos pais e avós ao se aventurarem na travessia do oceano. Assim como em toda a região, também na localidade de Tiradentes, a partir da década de 1940 as famílias dos colonizadores procuraram maiores extensões de terra, em razão de serem numerosas e possuírem pouca quantidade para a plantação.

Constatou-se que a memória é base para a história. Utilizada como fonte de recurso disponível para o estudo regional, a história oral evocou a lógica da memória através do relato de fatos, que serviram como fonte para a reconstrução da história local. Vale afirmar que cada depoimento contribuiu e complementou a reconstrução histórica. Nesse sentido, a história oral apresentou-se como forma de captação de experiências de pessoas que, dispostas a falar, constituíram-se em agentes da história. Entende-se que é tarefa do historiador explicar o passado de maneira objetiva e racional, procurando também examinar as descrições diferenciadas dos personagens.

Desde o início da colonização constatam-se o convívio e a troca de experiências entre diferentes culturas, dos caboclos e dos descendentes de imigrantes, que, com mentalidades diversas, contribuíram, cada uma a seu modo, para o progresso e o desenvolvimento do espaço local. No entanto, os descendentes de imigrantes, especialmente os italianos, caracterizaram-se por praticar uma cultura própria com elementos trazidos das terras de origem. O idioma falado, o italiano, caracterizava-os como cultura diferente, ao mesmo tempo em que impedia, por vezes, um contato mais abrangente e comunicativo no meio social.

A família, a capela e a pequena comunidade constituíram-se no tripé que embasou a caminhada dos povoadores. Neste espaço se desenvolveram experiências, por vezes árduas, mas que, com certeza, alicerçaram a construção de uma comunidade unida e batalhadora. A religião católica marcou a vida dos colonizadores. A prática estabelecida nos ensinamentos religiosos apresentava-se como recurso que compensava a saudade dos familiares que haviam ficado nas terras de origem. Os encontros na comunidade ajudaram a reviver as práticas e as diversões herdadas dos antepassados.

Com o livro almejamos ter alcançado o anseio de construir a história desde a origem do pequeno povoado de Tiradentes, da emancipação político-administrativa do município aos nossos dias. A obra poderá, com o tempo, ser complementada ou modificada por outros escritos, que venham a aperfeiçoá-la.

Anexos

LEI Nº 9.628, DE 20 DE MARÇO DE 1992.
CRIA O MUNICÍPIO DE NOVO TIRADENTES.
O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - E criado o município de Novo Tiradentes, constituído pelo Distrito de Tiradentes e Linha Aparecida, 1º do Distrito, pertencentes ao município de Rodeio Bonito.

Parágrafo único - E sede do novo município a localidade de Tiradentes e sua instalação será realizada no dia 1º de janeiro de 1993.

Art. 2º - O Território do novo município é assim delimitado:

NORTE:

Começa na estrada Rodeio Bonito, à noroeste do lote nº 136 (1º seção Pinhal), prosseguindo, em direção geral leste, pelo limite norte deste mesmo lote, até alcançar a nascente sudoeste do Lajeado do Lico, pelo qual desce até sua confluência com o Lajeado Vian e por este, águas acima até encontrar o norte do lote nº 117. Deste ponto, segue pela divisa nordeste do lote nº 117 (3º seção Pinhal) em direção sudeste até o Rio Jaboticaba; descendo por suas águas até o Rio da Várzea.

LESTE:

Começa na confluência do Rio Jaboticaba com o Rio da Várzea, subindo por este até o Lajeado Cerro Grande.

SUL:

Começa na confluência do Rio da Várzea com o Lajeado Cerro Grande, subindo por este até sua confluência com o Lajeado dos Negros, e por este, águas acima, até a confluência com a Sanga Emiliano, pela qual sobe até o sudeste do lote nº 44 (5º seção Jabotica-

ba). Deste ponto, segue em direção noroeste, pela divisa sudoeste lote, até a nascente sudeste da sanga Fermino, pela qual desce até sua confluência com o Rio Jaboticaba, subindo por suas águas até o Travessão que forma o limite sudoeste dos lotes 347 e 354 (1º seção Braga). Prossegue por este limite, em direção noroeste, até alcançar o sul do lote nº 286 (1º seção Braga).

OESTE:

Começa na divisa sul do lote 286 (1º seção Braga) e continua com este limite e do lote 285 (mesma seção) em direção sudoeste, até o fim da divisa sul deste lote de onde inflete para noroeste, pela divisa oeste deste mesmo lote até o Lajeado Barro Preto, junto à divisa oeste do lote nº 288, (1º seção Braga); prossegue por esta divisa em direção noroeste até o Travessão que forma o limite noroeste dos lotes nos 288, 291, 295 e parte do 297 (1º seção Braga), pelo qual segue em direção nordeste até o limite sudoeste do lote 301 (mesma seção). Deste ponto continua pela divisa oeste deste lote, em direção noroeste até o Lajeado Pilão de Pedra, junto a ponte e na confluência com o Arroio Pilãozinho, subindo por este até o Travessão que forma o limite dos lotes 83, 84, 85, 86, 87, 95 e 99 (3º seção Pinhal) e pelo qual prossegue, em direção nordeste; até o Lajeado Tigre, pelo qual sobe até o limite noroeste do lote nº 14 (3º seção Pinhal): seguindo por este limite, em direção nordeste e na mesma direção pelo limite noroeste do lote 13 (mesma seção) até o Lajeado Pilãozinho, pelo qual desce até a divisa noroeste do lote 19 (mesma seção) Prossegue por este limite, em direção nordeste até seu limite norte de onde inflete para sudeste, por este mesmo limite até noroeste do lote 25 (mesma seção). Continua por este limite em direção nordeste, até encontrar a Sanga da Reserva, pela qual desce até o limite oeste do lote 42 (3º seção Pinhal) prosseguindo por este limite até o ângulo norte, deste mesmo lote, de onde inflete para sudeste, pela divisa nordeste do mesmo lote até o ângulo oeste do lote 53 (mesma seção); continuando pelo limite noroeste deste lote até o Travessão que forma o limite sudoeste dos lotes n 40, 38, 37, 36, 23, 22, e 11 (seção Pinhal), prosseguindo por este limite em direção noroeste até o sudoeste do lote 11. Deste ponto, inflete para nordeste pelo limite noroeste deste lote, até alcançar o Lajeado Manoel Lucas, pelo qual sobe até o sul lote nº 135 (mesma seção) continua pelo sul deste lote e do lote nº 136, em direção geral sudoeste até a estrada que vai a Rodeio Bonito, pela qual continua, em direção geral norte, até o noroeste do mesmo lote nº 136.

Art 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrario.
Palácio Piratini, em Porto Alegre, 20 de março de 1992.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO TIRADENTES
CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES

ATA DA SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVO TIRADENTES(RS)

Ao primeiro dia do mês de janeiro de 1993, às dez horas, deu-se início à sessão solene de instalação do município de Novo Tiradentes, criado pela Lei estadual nº 9628/92; assumiu a presidência o senhor Eolar Battisti, por ser o vereador mais votado, nos termos do artigo 8º do regimento interno da Câmara do município-mãe, Rodeio Bonito; isto posto, foi constituída a Mesa, com a chamada das autoridades presentes. Aberta a solenidade de instalação do município, o presidente da Mesa declarou empossados os vereadores, os quais, em conjunto, e perante os presentes pronunciaram as seguintes palavras de juramento : "Prometo cumprir a Constituição Federal, a Constituição Estadual e a Lei Orgânica Municipal, observar as leis, desempenhar o mandato que me foi confiado e trabalhar pelo progresso do município e pelo bem-estar do seu povo". Após, o Excelentíssimo Senhor Presidente efetuou o seu juramento. Por fim, o presidente declarou empossados os senhores HERMÍNIO BOFF e PEDRO BATTISTI, nos cargos de Prefeito e Vice-Prefeito do município de Novo Tiradentes, os quais foram eleitos nas eleições de 3 de outubro de 1992, sendo nesta ocasião registrado o juramento de cada um, os quais foram aclamados pelos presentes. A seguir, foi realizada a eleição da Mesa da Câmara. O presidente provisório recebeu duas chapas e a eleição foi realizada na forma estabelecida no art. 129 do regimento interno da Câmara de Rodeio Bonito. A Mesa ficou assim constituída: Presidente - Eolar Battisti; Vice-Presidente - Paulo Achiles Grespan; 1º Secretário - Lidio Francisco Vicari; 2º Secretário - Valdecir Antonio Silvestri. -.-

Vereadores empossados e que assinaram a ata da sessão solene, registrada a folha nº 0001, 0001 verso e 0002, do livro próprio:

Valdecir Antonio Silvestri, Odalgiro Ré, João Carlos Zanetti, Lidio Francisco Vicari, Lucio Cavalli, Paulo Achiles Grespan, Hilário Savi , Eolar Battisti, Francisco Roque de Almeida.

Prefeito empossado e que assinou o livro de atas da sessão solene:Hermínio Boff; Vice-Prefeito: Pedro Battisti. Valdir Tavares Dourado, secretário "ad hoc".

Seguem-se, no livro, as assinaturas dos presentes à sessão, conforme fotocópia anexa.

Hino de Novo Tiradentes

O sonho dos desbravadores
Pioneiros que aqui chegaram
Hoje é a história presente
Dos que lutam e dos que lutaram

Por entre montanhas e vales
E o céu azul que te cobre
O rio por entre as paisagens
Vai cortando o teu solo nobre

O Salve! Nossa cidade
já foi vila, foi distrito.
Mas com a luta de nossa gente
Hoje é Novo Tiradentes
Este lugar tão bonito.

Somos gente de fé e coragem
Nós migrantes fizemos a história
Isto foi num 20 de março
Que a luta se tornou vitória

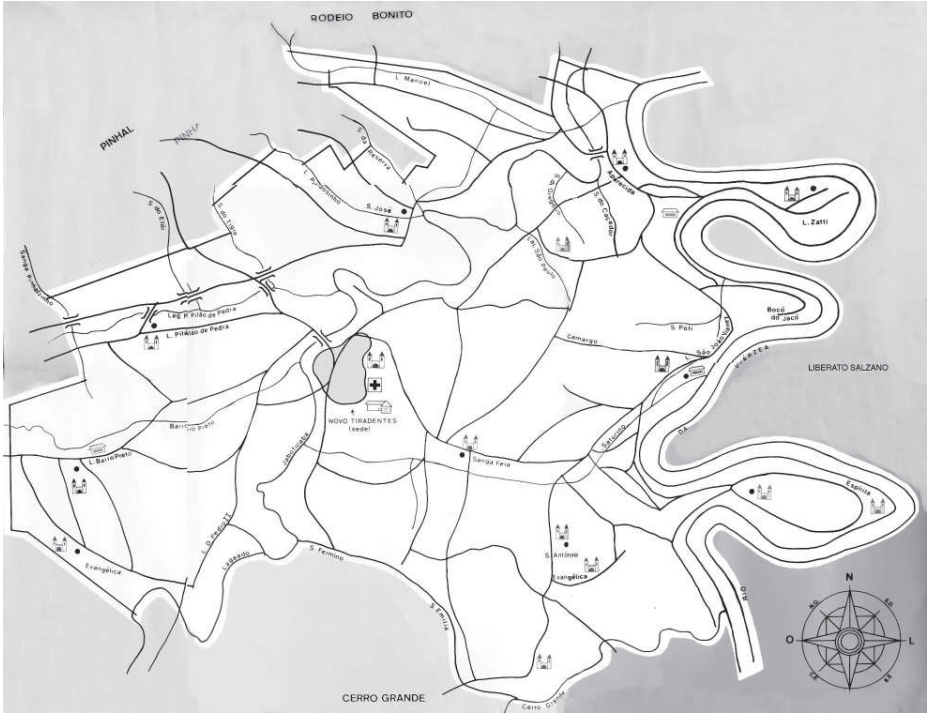
Sempre somos todos convidados
Nova história escrever com amor
É legado às novas gerações
Um futuro bem mais promissor.

Letra: Néri Cence
Música: Loreni Pinheiro.



Fonte: Cedida pela família Tasca.

Figura 1 – Família Leopoldo Tasca - 1920



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

Figura 2 – Mapa do município de Novo Tiradentes



Figura 3 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida



Figura 4 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Cecília



Figura 5 – Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luis Gonzaga



Figura 6 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Laurentino D. Battisti



Figura 7 – Escola Estsdual de Ensino Médio Joaquim José da Silva Xavier



Figura 8 – Brigada Militar



Figura 9 – Prédio da Central Telefônica



Figura 10 – Unidade de saúde



Figura 11 – Parque de máquinas



Figura 12 – Prédios Berçário Industrial e Secretaria da Agricultura

Bibliografia

APOLINÁRIO, Maria Raquel. *História*. São Paulo: Moderna, 2005.

DOURADO, Iloni Maria Marangon. *Rodeio Bonito:* sua história, sua gente. Projeto Raízes, l987.

CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in América* – história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo: Ediupf, 2002.

GRANELLA, Maritania. *Novo Tiradentes:* o processo de ocupação histórica dos imigrantes italianos no município. Monografia (Especialização) - Palmas, 2003.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul:* implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MARCOLAN, Adelara Marisa. *Novo Tiradentes:* o processo de emancipação do município. Monografia, Unijuí - RS, 1996.

NORA, Nilse Cortese Dalla. *Quem chega, quem sai.* A política de distribuição de terras no Rio Grande do Sul – o caso de Jaboticaba. Passo Fundo: Ediupf, 2006.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. História regional: dimensãoes teórico-conceituais. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo: Ediupf, jun. 1999.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODEIO BONITO. *Rodeio Bonito:* sua história, sua gente. Rodeio Bonito: Prefeitura Municipal, 1987.

SGANZERLA, Cláudia Mara. *A lei do silêncio.* Repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937-1945). Passo Fundo: Ediupf, 2001.

SPONCHIADO, Breno Antonio. Imigração & 4ª colônia: Nova Palma & pe. Luizinho. Santa Maria: Ed. Universidade Federal de Santa Maria, 1996. 351 p.

Fontes

ARQUIVOS. Prefeitura Municipal de Novo Tiradentes.

ARQUIVOS. Livro de Atas e documentos da Comissão Emancipacionista

BOFF, Hermínio. Livro de Registro de Ocorrências Policiais (Acervo Histórico) l960. Subsídios da Agenda Pessoal de Anotações sobre os passos dados para a Emancipação do Município, l989 a l992, e Fitas de Vídeo.

ESCRITOS Pesquisas feitas pelos alunos do Ensino Médio Alternativo e Censo Escolar: E. E. de Ensino Fundamental "Joaquim José da Silva Xavier" – Novo Tiradentes, RS, 2004.

JORNAIS *O ALTO URUGUAI*, *O ELLO REGIONAL*.

NOVO TIRADENTES, Secretaria da Educação e Cultura. *Diagnóstico da educação do Município*, 2003.

EMATER

SAVOLDI, José Luis. *Rodeio Bonito e sua história*, 2003.

Pessoas entrevistadas

Entrevistados no município

Jesus da Silva Pinto
Arlindo Silvestri
Cleonice Borsa
Lurdes Fiori
Rosallina Simões
Luiza Scaravonatto
Dionísio Peruzzo
Iracilda Gheno
João José Mori
Doralina Zanquetta
Iria Aroldi Lavratti
Modesta Pérsio
Reinaldo Grespan
Elias Ferrari
Irma Carmem Grespan
Irma Mariussi
Clementina de Figueiredo
Gervásio Calistro
Elsa Battisti Borges
Hermínio Sotilli
Demétrio Borges
Aldo Luiz Fiori
Izaltino Alexandre
Garvão Poncio de Oliveira
Avelino Milesi
Teolesto Pozzobon
Ana Milesi Fontana
Lúcio Cavalli
Maria Angelina Peruzzo
Mafalda Reolon
João Maria da Silva Pinto
Aurea Pertuzatti
Gaudêncio Alexandre
Helena Cenci
Olga Nestorina Tasca
Albano Battisti
Lúcia Vedoy
José Fumagalli
Guilherme Antonio Rinaldi
Zeferino Bortolini
Diema Silvestri
Germano Anselmo Poletti
Olga Benin Dalmolin
Realdo Vitor Bortolini
Hermínio Boff
João Battisti
Pracidino Münhões de Oliveira
Norma Yolanda Grespan
Genoino Fiori
Pedro Mariussi
Polidório de Lima Vargas
Pedro Bassani
Sérgio Pinheiro
Laudelino Kempfer
Carmelinda Lavratti
Elemar Batistti
Severo Fernandes